

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

**ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA NA FAVELA DE PARAISÓPOLIS:
MOBILIZAÇÃO SOCIAL CONTRA A COVID-19**

ISABELLA SILVA DE CAMPOS

São Paulo
2020

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

ISABELLA SILVA DE CAMPOS

ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA NA FAVELA DE PARAISÓPOLIS:
MOBILIZAÇÃO SOCIAL CONTRA A COVID-19

Monografia apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito final para a obtenção do título de bacharel do Curso de Relações Públicas.

Orientador: Prof. Me. Marcus Vinícius de Jesus Bomfim

São Paulo
2020

ISABELLA SILVA DE CAMPOS

**ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA NA FAVELA DE PARAISÓPOLIS:
MOBILIZAÇÃO SOCIAL CONTRA A COVID-19**

Monografia apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Me. Marcus Vinicius de Jesus Bomfim

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP

Professor Orientador - Presidente da Banca Examinadora

São Paulo, 9 de dezembro de 2020.

DEDICATÓRIA

**Dedico esta monografia à comunidade que nasci e cresci, Americanópolis.
Dedico também ao orientador Marcus Bomfim pelo imenso auxílio, dedico à
minha família pelo apoio durante os quatro anos de curso e à comunidade de
Paraisópolis pela força e vontade de mudança.**

RESUMO

A comunicação comunitária se faz presente na parcela mais pobre da população, sendo meio de mobilização social e, assim, ferramenta de esperança e transformação. Por meio de diversas iniciativas criadas nas comunidades, colocando-as como protagonistas das próprias narrativas. Neste contexto, o papel dos líderes comunitários se fortalece, e com o auxílio de estratégias de comunicação comunitária podem auxiliar os moradores a desenvolverem sua consciência cidadã, buscando soluções a partir da problematização das condições da realidade vivida em uma favela. A ação efetiva de mudança social é alcançada quando há essa problematização que gera essa consciência e corresponsabilidade. O ano de 2020 é um marco de grandes turbulências, com a chegada de uma pandemia que mudou a rotina de todos e, em especial, trazendo grandes preocupações nas comunidades. Vimos, no caso da comunidade da favela de Paraisópolis um exemplo dessa mobilização social que, sem auxílio de órgão governamentais, a população estava à mercê das consequências da pandemia de coronavírus. Não fosse a presença de líderes comunitários, com o fomento da mobilização social com a articulação em em três frentes essenciais e em oito iniciativas, Paraisópolis – assim como outras comunidades – estariam apresentando índices de casos e de mortalidade ainda maiores. Neste estudo de caso, veremos, usando os conceitos teóricos das Relações Públicas comunitárias com Peruzzo (2012, 2013, 2014), da comunicação para mobilização social com Henriques (2007, 2010) entre outras autoras e autores como Paraisópolis é hoje exemplo de autogestão, mobilização e comunicação comunitária nas periferias do Brasil.

Palavras-chave: Comunicação comunitária. Paraisópolis. Mobilização social. Coronavírus.

ABSTRACT

Community communication is present in the poorest part of the population, thus being a tool of hope and transformation, being a means of social mobilization through various initiatives created together with the community, always aiming to leave the community as the protagonist of the social transformations themselves. In this context, there are the roles of community leaders, who with the help and strategies of community communication have the power to help residents to develop their citizen and social awareness, always following the line of problematization of the conditions of the current reality for example lived in a favela . Awareness generates problematization that is led to mobilization thus generating an effective action for change. The current year of 2020 is going through great turbulences, the arrival of a pandemic has changed everyone's routine bringing great concerns. Paraisópolis found itself without assistance from government agencies and at the mercy of the consequences of the pandemic. By structuring a social mobilization, Paraisópolis today is an example of self-management on the periphery throughout Brazil. The actions focused on three essential fronts and on eight initiatives that were successful thanks to mobilization, organization and community communication.

Keywords: Community communication. Paraisópolis. Coronavirus. Self-management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Frentes de atuação da autogestão de Paraisópolis..... | 20 |
| Figura 2 - Perfil Nova Paraisópolis no Instagram..... | 25 |
| Figura 3 - Post do perfil Nova Paraisópolis no Instagram..... | 25 |
| Figura 4 - Grupo de Facebook Paraisópolis | 26 |
| Figura 5 - Especificação do grupo de Facebook de Paraisópolis..... | 26 |
| Figura 6 - Post de Facebook do grupo de Paraisópolis..... | 27 |
| Figura 7 - Mapa de Calor Morte Negros e Pardos x Mapa de Calor Regiões Mais Afetadas COVID-19..... | 29 |

LISTA DE ABREVIACÕES/SIGLAS

ONG – Organização Não Governamental

EUA – Estados Unidos da América

UBS – Unidade Básica de Saúde

SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 1. CIDADANIA E SOCIEDADE CIVIL | 03 |
| 2. A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A FAVELA..... | 07 |
| 2.1 A comunicação comunitária e suas características transformadoras..... | 07 |
| 2.2 O que são as favelas em uma perspectiva história e a favela de Paraisópolis..... | 12 |
| 3. PARAISÓPOLIS E A PANDEMIA DE COVID-19..... | 17 |
| 3.1 Metodologia..... | 17 |
| 3.2 Organização Comunitária e G10..... | 18 |
| 3.3 Os presidentes de rua..... | 23 |
| 3.4 Redes sociais e uso da comunidade..... | 24 |
| 3.5 Ausência do governo..... | 27 |
| 3.6 Visão do Futuro..... | 30 |
| 3.7 Conclusões..... | 31 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 36 |
| APÊNDICE A – ENTREVISTA GILSON RODRIGUES..... | 40 |
| APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS PRESIDENTES DE RUA..... | 49 |
| APÊNDICE C – RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PRESIDENTES DE RUA..... | 56 |

INTRODUÇÃO

Diante de uma época conturbada como nos dias atuais, onde pequenas guerras civis acontecem dentro das periferias do Brasil tendo de um lado o povo pobre, preto e periférico e do outro o Estado e a atual burguesia, atrocidades e mortes acontecem o tempo inteiro. Uma época em que o pobre luta para conseguir o necessário para sobreviver. Segundo a Agência Notícias IBGE¹, em 2019 extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas no Brasil, sendo o maior nível em sete anos e a população preta e parda representando 72,7% dessas pessoas em extrema situação de pobreza.

Vivenciando atualmente uma Pandemia devido ao COVID-19, um vírus na qual teve sua origem na China. Segundo o site oficial² sobre o coronavírus do no Brasil onde diz que os primeiros casos registrados do COVID-19 aconteceram na cidade chinesa de Wuhan, percorreu o mundo inteiro encerrando milhares de vidas, revela um cenário conflitante e totalmente desigual.

A desigualdade não está só em bens materiais e vida financeira, a desigualdade está no acesso às informações, no conhecimento de direitos e deveres. Como todos somos parte de uma sociedade civil, no direito de fala, na oportunidade de ser ouvido e no direito ao acesso à bens públicos tão necessários como um atendimento hospitalar em um tempo onde a aglomeração de pessoas nos grandes centros urbanos é totalmente comum em todo o mundo.

Essas condições da vida urbana propiciam o ambiente que favorece a transmissão de doenças respiratórias com facilidade e muita velocidade. Uma situação de risco constante, sendo necessário o uso de máscaras em todo o período em que se está em vias públicas e cuidar da higiene das mãos. A realidade das comunidades nas periferias dos centros urbanos do Brasil é crítica, quando observamos essas condições precárias.

Em decorrência deste cenário, a comunidade viu a necessidade de possuir não só sua própria comunicação, mas também sua própria gestão no enfrentamento da pandemia, pela ausência do Poder Público neste período conturbado em que se vive não só no Brasil, mas em todo o planeta. As ações para que a comunidade sobrevivesse foram totalmente desenvolvidas pelos moradores e pessoas solidárias comovidas pela situação.

¹ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-a-o-maior-nivel-em-7-anos>

² Fonte: <https://covid.saude.gov.br/>

A sobrevivência de Paraisópolis depende neste momento de seus moradores. Para este momento, as ferramentas de comunicação comunitária foram indispensáveis, pois levaram informação correta aos moradores da comunidade, organizar uma rede de apoio de alimentos, itens de higiene, e identificar possíveis infectados e mantê-los isolados é uma tarefa difícil.

Como muitas outras comunidades, a favela de Paraisópolis, situada no bairro do Morumbi constrói sua sobrevivência por meio de sua autogestão, e a comunicação comunitária é parte estrutural e instrumento de resistência em meio a um cenário pandêmico. É a partir do compromisso da comunidade com ela mesma, com autonomia e linguagem adaptadas ao seu cotidiano.

Diferentemente, dos meios de comunicação de massa - como emissoras de televisão, das grandes revistas, grandes jornais impressos e emissoras de rádios - a produção de conteúdo de comunicação para aquela comunidade, se dá por outros meios e ferramentas, mais simples, mas não menos potentes em termos de audiência e engajamento.

A comunicação comunitária democratiza a comunicação, a circulação da informação e, por estes motivos, é um dos pilares fundamentais para a sobrevivência e resistência periférica brasileira. Nossa atuação neste ambiente, conforme Peruzzo (2012, 2013, 2014) não é central, mas assumimos funções mais mediadoras, auxiliando neste processo de mobilização, com consciência voluntária, podendo ser um apoio na criação de projetos que favoreçam as vozes da população periférica serem ouvidas, e fazer parte da transformação da comunidade.

A dinâmica que será apresentada neste trabalho, parte da discussão de valores cidadãos e comunitários, passa pela observação das origens das periferias, seu modo de viver e sobreviver, chegando à compreensão da comunicação comunitária neste cenário de crise, e como ela fez e faz a diferença na vida de quem habita a segunda maior favela da cidade de São Paulo.

Nossa análise exploratória como relações-públicas parte dessa percepção com o caso de Paraisópolis, nos dedicando a descrever esta realidade, reconhecer os desafios do cenário e ouvir as vozes da comunidade, por meio de uma entrevista com o senhor Gilson Rodrigues, líder comunitário e a aplicação de uma pesquisa de opinião junto à 46³ presidentes de rua, estratégia de multiplicação de lideranças locais e articulação de mobilização social da comunidade.

³ Fonte: Apêndice B

1. CIDADANIA E SOCIEDADE CIVIL

O Brasil nos tempos atuais se encontra sob um regime político democrático, a república, onde a população é capaz de votar para escolher seus representantes a fim de ter suas necessidades e interesses representados, buscando uma melhoria em sua qualidade de vida. Juntamente com este regime político, encontra-se então a sociedade civil e a cidadania. Para um enfrentamento e reconhecimento das causas que levaram as periferias à exclusão e falta de conhecimento e informação, é extremamente necessário conhecer as definições de cidadania e sociedade civil.

Em tese, toda e qualquer pessoa nascida em território brasileiro é um cidadão, com direitos e deveres a buscar e defender, cada um visando a melhoria de vida e uma melhor representação política, pois a cidadania tem como essência não só o reconhecimento de direitos e deveres, mas também a liberdade e igualdade, liberdade de expressão e igualdade social, igualdade no direito de acesso à informação, uma educação de qualidade, um sistema de saúde eficiente, acesso à cultura e lazer (Peruzzo 2007, p. 35).

E, caso em alguma localidade esteja tendo um déficit de alguma destas coisas, o cidadão tem a liberdade, o dever e o direito de erguer a voz para realizar a cobrança perante ao Estado, visando colocar suas necessidades em pauta. A cidadania é para todos, porém nem todos tem a ciência do que é capaz dentro de uma sociedade, dificultando assim o desenvolvimento e transformação social que a mobilização social causa ao ser motivada pela tomada de consciência política e cidadã de uma localidade.

Havendo cidadania, haverá desenvolvimento social. Cidadania quer dizer participação, nos seus múltiplos sentidos e dimensões, incluindo a cidadania cultural, que garante o direito à liberdade de expressão e de acesso aos bens culturais. (PERUZZO 2014, p.52.)

A cidadania engloba não só a busca e reconhecimento de direitos e deveres, mas também o acesso às necessidades básicas. No Brasil é de conhecimento de todos e um fato de que pessoas com melhores condições financeiras possuem acesso a uma melhor qualidade de vida, com acesso à moradia, educação e saúde de qualidade, além de possuírem acesso à cultura, informação, tecnologia e uma maior liberdade de expressão. Pois no Brasil, segundo Site da Exame⁴, 1 a cada 4 brasileiros vive com apenas R\$420 reais por mês, valor que se divide entre

⁴ Fonte: <https://exame.com/economia/1-em-cada-4-brasileiros-vive-com-menos-de-r-420-por-mes-diz-ibge/>

moradia, contas à pagar e cestas básicas, dificultando o acesso à escolas particulares e planos de saúde.

Com base neste contexto é possível dizer que a cidadania de fato é algo não democratizado no País, pois pessoas com baixa renda ficam sem acesso ao básico como uma escola para que as crianças possam se desenvolver com uma instrução aceitável, capaz de suprir todas as suas necessidades acadêmicas.

Em contextos como este cabe ao Estado agir e suprir as necessidades destes locais mais pobres, levando informação e conhecimento à população local, promovendo uma consciência política capaz de tornar pessoas locais em atores sociais, onde incentivam os próprios moradores da localidade a agir e pensar em prol do bem não só de sua família, mas de toda a comunidade, realizando assim uma mobilização social e uma caminhada para a transformação social do local.

Discutida por outros autores, Peruzzo (2014) afirma que a cidadania não é apenas um simples conceito. Debatida desde os primórdios da humanidade, ao longo do tempo o conceito e essência de cidadania vem se modificando, adaptando-se aos cenários contemporâneos onde o mundo está conectado, onde a globalização alcançou os mais remotos lugares.

A desigualdade social e a falta de democratização da cidadania não é um fato que ocorre apenas no Brasil, diversos países pelo mundo também sofrem com a desigualdade de direitos, desigualdade social e até exclusão social da parte pobre da sociedade, quando a parcela pobre da população é considerada parte da sociedade, pois por muitas vezes a exclusão ocorre por preconceitos, consequência da falta de capacitação política da parcela pobre da população (KUNSCH, 2014. p.67.).

Enquanto de um lado temos as pessoas com alta renda, acesso à informação e tecnologia, temos do outros pessoas que vivem em condições em que as informações e tecnologia nunca chegam, e até mesmo educação básica não são acessíveis para esta parcela da população. Fatos que são meios para o surgimento de novas formas de luta da sociedade civil pela sobrevivência.

Em meio a tantas mudanças e tanta desigualdade, a globalização possibilitou que organizações como ONG's, agentes sociais, empresas do segundo setor através de suas ações de responsabilidade social - quando empresas do segundo setor possuem ações na sociedade em prol ao bem estar da própria sociedade, nomeia-se cidadania corporativa - , redes sociais e etc., se mobilizem em torno de objetivos comuns em defesa dos direitos humanos e da cidadania, ultrapassando limites nacionais. Esta conexão global tem como objetivo defender os

direitos humanos e a cidadania para todos é estudada como uma nova configuração da cidadania, a Cidadania Planetária (KUNSCH, 2014. p.67).

(...) de um lado, convivemos com os benefícios dos avanços da sociedade em rede e, de outro, deparamo-nos com uma imensa parcela da população mundial sem acesso à tecnologia digital e de redes e mesmo à educação básica (...). (KUNSCH, 2014. p.67)

Esta cidadania corporativa e global é algo muito presente dentro da sociedade nos tempos atuais. O Brazil Foundation⁵ é um exemplo de atuação dentro da percepção de cidadania planetária, onde convidaram o Ballet Paraisópolis, - projeto criado em 2012 para levar cultura e esperança para crianças da região onde ensinam Ballet Clássico para os menores - para dançar no XVII Gala New York.

Esta ação ocorreu após a visita da ONG ao projeto em 2018 (Ballet Paraisópolis, 2019). Ações como estas ajudam a ampliar o horizonte destas crianças e a suprir uma parcela das necessidades locais de cultura e lazer, evidenciando a importância de uma ajuda global para pessoas que se encontram em um contexto de necessidades.

Quando falamos de cidadania corporativa há diversos exemplos quanto a empresas do segundo setor desenvolvendo ações de responsabilidade social para o bem da sociedade. A Bayer, empresa química e farmacêutica originária da Alemanha que está em solo brasileiro há 118 anos, possui diversas ações tanto ambientais quanto sociais para ajudar a população de maior carência. Uma destas ações é a ação de reforço alimentar⁶, onde crianças entre 2 a 14 anos de idade de 22 associações e creches de Belford Roxo (RJ) são diariamente beneficiadas com refeições como incentivo para ida às aulas e reforço escolar, além de fornecer uma alimentação saudável para elas, o projeto já conta com 4 milhões de refeições servidas (Bayer, 2019).

Quando a cidadania é levada a lugares carentes, a transformação social acontece e com pequenas ações, de pouco a pouco, alguns aspectos da vida da população do local são influenciados e melhorados, ações como a da Bayer (2019) leva às crianças de Belford Roxo incentivos para frequentar a escola, esta ação não só supre a necessidade básica de uma alimentação, mas também de escolaridade para crianças, onde através da alta frequência dos alunos, índices de alfabetização e de uma consciência cidadã podem aumentar, pois instrução é

⁵ BrazilFoundation convida Ballet Paraisópolis para dançar em New York: <http://balletparaisopolis.com.br/bfgalanewyorkbp/>

⁶ Bayer, Reforço Alimentar: <https://www.bayer.com.br/sustentabilidade/responsabilidade-social/>

um dos principais meios para reconhecer sua realidade, suas necessidades e seu papel diante da sociedade, leva a transformação social e reconhecimento como parte de uma sociedade.

A sociedade civil por sua vez, tem o papel de questionar e muitas vezes se opor ao Estado e Mercado, para que as necessidades emergentes, locais, regionais, e até globais sejam ouvidas e atendidas. É através da sociedade civil que uma população pode ser capaz de aprender e se interessar por questões públicas, exercendo em cada uma sua cidadania (KUNNSCH, 2007. p.60.), pois é na sociedade civil onde acontecem desenvolvimentos e conflitos sociais, econômicos, culturais, ideológicos e religiosos, é onde se dá o exercício da cidadania. (Bobbio, in: KUNNSCH 2007. p.60.)

Sendo a sociedade civil como um campo aberto para disputas sociais, é necessário o mínimo de instrução para entender o contexto em que se habita, necessidades, poderes envolvidos e o papel de cada um dentro desta sociedade. Esta informação abre portas para o debate de que se a cidadania não chega em lugares carentes, a sociedade civil não chegará nela tão facilmente, sendo esta uma das razões para a exclusão social de pessoas habitantes de bairros periféricos e com uma qualidade de vida precária.

Sendo assim, é visível como a periferia possui muito mais necessidades do que as que são noticiadas, a periferia necessita de instrução e incentivo para participação política. A partir do momento em que o ator social da periferia em que está inserido adquirir o conhecimento necessário para erguer a voz diante do Estado para exigir seus direitos, outras pessoas são incentivadas, pois um dos papéis de um ator social é incentivar a população local a buscar informações para conscientizar a todos sobre o que podem alcançar ao se opor às condições de vida em que sujeitam a eles.

A cidadania é um direito de todos, igualmente como acesso à informação, caminho que os levam para o envolvimento em uma comunicação comunitária, onde através de ferramentas alternativas a própria população produz conteúdos que visam compartilhar a mesma linguagem e realidade social com todos que residem no local, contexto onde a comunicação comunitária se torna uma ferramenta poderosa para conscientização da cidadania e conscientização política sendo assim uma fonte de transformação social, que é a realidade de periferias como Paraisópolis, que segundo Gilson Rodrigues (2020), dispõe de jornais e rádios comunitárias sendo um exemplo a ser seguido não por apenas outras periferias mas para toda a sociedade não apenas como uma potência capaz de mobilização, geração de empregos, resolução de necessidades não atendidas pelo Estado e etc. mas também como uma fonte de soluções para a sociedade onde a rede de apoio existente nas periferias poderia ser estendida para e por todos os cidadãos.

2. A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A FAVELA

2.1 A comunicação comunitária e suas características transformadoras

Há algum tempo estudiosos como Kunsch (2014) e Peruzzo (2014), autoras utilizadas como base para esta monografia, estudaram e vem estudando a vertente da comunicação denominada comunicação comunitária.

Em localidades com pouca infraestrutura, onde por vezes o Estado é incapaz de suprir as necessidades da população que ali reside, há uma carência não apenas de recursos básicos como saúde, alfabetização, trabalhos formais, etc., mas também de informação. Essas localidades, normalmente conhecidas como áreas periféricas, a falta de representatividade perante os veículos de comunicação, fazem com que favelas e comunidades tenham pouca visibilidade, fato que auxilia na formação da bolha em que pessoas residentes de favelas estão inseridas.

Com base nesse cenário, a população periférica necessita criar sua própria rede de apoio e recursos para que sua sobrevivência seja possível, rede de apoio essa que começa tanto com ONG's ou líderes comunitários, pessoas que se conscientizam da situação em que vivem e se conscientizam da necessidade de ajudar a sua comunidade para um bem maior, uma vez que a sociedade e a cidadania por vezes não chegam até o morro. Todas essas circunstâncias leva a população local a desenvolver seus próprio meios de comunicação, que irão auxiliar para um melhor diálogo com o restante da comunidade a fim de criar esta rede de apoio e muitas outras ações, estes meios de comunicação alternativos desenvolvidos especialmente para a comunicação de uma comunidade é chamada de comunicação comunitária.

A comunicação comunitária por sua vez, é um meio na qual a periferia adere à alternativas criativas e eficientes para auxiliar a resolução de seus problemas através de rádios comunitárias, jornais comunitários, redes sociais e até mesmo reuniões de bairro ajudando na mobilização de pessoas, desenvolvimento e realização de ações comunitárias, promovendo até mesmo confraternizações dentro da favela.

Paraisópolis realizou sua mobilização através de mensagens por carro de som, mensagens essas que chegaram à voluntários que hoje auxiliam na preservação, sobrevivência e melhorias na comunidade, segundo Gilson Rodrigues em entrevista⁷ para esta monografia,

⁷ Fonte: Apêndice A

principal líder comunitário da favela. Olhando através de outro ângulo, temos as próprias empresas/empreendimentos alocadas dentro das periferias que podem fornecer auxílio como acontece no bairro da Vila Missionária em São Paulo, onde uma grande loja conhecida pela população, Nenê Pipas⁸, da região realiza todos os anos um evento comunitário para o Dia das Crianças, convidando toda a comunidade a participar.

De acordo com Peruzzo (2014, p.46), muito antes do termo “comunicação comunitária” começar a ser utilizado, o termo que percorria a América Latina era “comunicação para o desenvolvimento”, termo que associa a comunicação ao seu poder de levar informação e formação para a sociedade. Este termo então tem sido substituído para “comunicação para a cidadania” ou “comunicação e mudança social”.

Neste contexto é possível perceber o essencial papel não só da comunicação, mas também dos veículos de comunicação para a construção da cidadania, tendo como papel a responsabilidade de levar informação e principalmente o conhecimento dos direitos e deveres de um cidadão para toda a sociedade.

A cidadania por sua vez tem como essência a igualdade e liberdade, acesso à educação, lazer, tecnologia e descobertas científicas, a partir destes parâmetros pode-se medir o desenvolvimento social de uma sociedade (PERUZZO, 2014. p.46).

Não é o que acontece especialmente na América Latina, onde a desigualdade é extremamente forte, fato trazido através da BBC News⁹ no dia 16 de fevereiro de 2020 que relata Santiago, capital do Chile, como um local tão desigual que uma mulher nascida no bairro pobre da cidade possui a expectativa de vida 18 anos a menos do que uma mulher nascida na parte rica, assim como no Brasil onde quem mora na favela de Paraisópolis vive em média dez anos a menos do que uma pessoa que reside no morumbi ou algum bairro nobre de São Paulo.

Neste cenário, os meios de comunicação de massa e interpessoais foram e são tidos como parte importante na difusão de inovações para as sociedades “subdesenvolvidas” visando a modernização e uma possível mudança de hábitos, assim como apreensão e incentivo de novas ideias e tecnologias.

(...)havendo cidadania, haverá desenvolvimento social. Cidadania quer dizer participação, nos seus múltiplos sentidos e dimensões, incluindo a cidadania cultural, que garante o direito à liberdade de expressão e de acesso aos bens culturais. (PERUZZO, 2014, p. 52)

⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/Nen%C3%AA-Pipas-532374126890322/>

⁹ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/02/16/america-la-tina-regiao-desigual.htm>

Em uma pesquisa realizada por Wilbur Schramm¹⁰ (1976, p.192-3), trazida por Peruzzo (2014), mostra a eficácia do meio de comunicação de massa no processo de modernização da sociedade através de três pilares: 1) a disseminação das informações do desenvolvimento da nação; 2) dar oportunidade para líderes e pessoas comuns se qualificarem; e 3) ensinar as técnicas necessárias, tais como alfabetização até a graduação. Assim ao apresentar esta “solução” oferecida por Schramm, Peruzzo mostra que críticas e mais críticas surgiram, primeiro pelo modelo favorecer países centrais e segundo por não expressar e atender os reais valores, necessidades e problemas da população pobre (PERUZZO, 2014. p. 48)

Este foi um marco muito importante no debate de Comunicação para Transformação Social, o que logo em seguida resultou em um novo modelo, um modelo que levava em consideração desde as práticas de comunicação-alternativas, autônomas e democráticas, até os meios massivos, onde seria priorizado conteúdos nacionais ao invés dos importados de países ricos como o EUA. Este modelo como diferencial, agora leva em consideração os aspectos locais e culturais, a participação da população, para a melhor forma de comunicação e melhor conteúdo.

Essa participação e comunicação vem abrangendo mais cidadãos no decorrer dos tempos, os locais de comunicação se multiplicaram, agora não está apenas nas rádios e televisão. Com as mídias sociais, agora as pessoas possuem a mídia, o espaço virtual como blogs, redes sociais e outros. Contudo, tantos meios de comunicação e tantos acessos nos dias de hoje são apenas usados para cunho de entretenimento e interesses políticos e econômicos, provindos da classe dominante.

Esta é a realidade onde movimentos sociais e organizações sem fins lucrativos se vêem excluídos da grande mídia, onde seus interesses e lutas não são comunicados, muito menos representações de seu modo de vida e necessidade comunicacionais, começam a forjar modos de comunicações próprios (PERUZZO, 2014). Nestas movimentações entre as décadas de 1980 e 1990 no Brasil, nasce os meios de comunicação alternativos, populares e comunitários. Seu objetivo era se alocar em dinâmicas sociais locais visando uma melhoria de condições existenciais e de consciência de segmentos excluídos da população, hoje em dia, sendo as atuais comunidades ou favelas.

Este fenômeno acontece dentro das comunidades não só como receptoras de mensagens, mas como protagonistas de conteúdos e gestão dos meios de comunicação local.

¹⁰ Wilbur Schramm: 1907-1987. Foi um estudioso da área de comunicação de massa do Estados Unidos da América, considerado o fundador da área de estudos da Comunicação

Isto não impede que outros meios de comunicação não democratizados não possam ajudar, Peruzzo (2014) afirma que todo meio de comunicação tem sua importância no avanço de debates contemporâneos e democratização da informação. Isto se revela pelo ingresso de novos atores sociais na mídia - o que não quer dizer uma quebra na estrutura de comunicação centrados nas grandes mídias - levantando debates e ajudando na disseminação da comunicação e informação em locais onde a comunicação comunitária se faz necessária e presente.

Em busca de uma transformação social, em uma forma de resistência, a comunicação comunitária começou a se fazer presente em comunidades locais, onde fazem a gestão de conteúdo e dos meios de comunicação para que levem ao conhecimento de todos os deveres e direitos, informações cruciais para sua sobrevivência e crescimento como um cidadão ativo na sociedade. Um meio encontrado pelos periféricos, para os periféricos, em decorrência daqueles que nunca voltaram seus olhos para a periferia como parte de uma sociedade civil.

No artigo “Conscientização e Participação: As Relações Públicas Comunitárias na Construção da Cidadania.” (2017), cujos autores são Marcelo Pereira da Silva, Éllida Neiva Guedes e Protásio César dos Santos, os estudiosos retratam a sociedade como carente de atores sociais que estejam dispostos a influenciar e levar informação a todos a fim de ajudar na construção de uma cidadania, cidadania essa que segundo eles é:

(...) exercício de direitos e cumprimento de deveres, emancipação, desenvolvimento social, respeito à pluralidade e às diferenças, prática de relações democráticas e norteadas pela tolerância. (SILVA, GUEDES, SANTOS, 2017. p.87)

Com o intuito de desenvolver e evoluir a sociedade para uma sociedade civil mais solidária e igualitária em questões como o exercício da cidadania e a participação efetiva na sociedade civil, além de se reconhecer pertencente à uma comunidade, a partir do momento em que se toma ciência de que o indivíduo é habitante da localidade.

Esse reconhecimento do indivíduo como parte de um todo é um processo que envolve a participação ativa em questões políticas, sociais e culturais que ajudarão a evoluir a sociedade, levantando o conceito de solidariedade social, onde através de um desenvolvimento e maturidade de uma consciência individual e coletiva, pessoas encontram um bem/objetivo comum que estão presentes nesta construção e participação da cidadania.

De acordo com Silva, Guedes e Santos (2017), o desafio atual do homem dentro da sociedade é desenvolver nos indivíduos uma consciência para participação política através do exercício da cidadania e uma análise crítica de sua localidade. Para vencer este desafio, a

consciência de participação política pode ser levada aos cidadãos através da educação ou da comunicação.

E é neste contexto em que o papel das Relações Públicas se torna relevante, como um articulador, um mediador dos processos de comunicação ao lado da comunidade, colaborando para levar informação às pessoas, incentivando-as para que participem dos processos sociais que acontecem em sua localidade de morada e ajudando a desenvolvê-las socialmente para que sejam capazes de realizar uma problematização da realidade em que vive, contribuindo para o reconhecimento de direitos e deveres de cada da sociedade para que todos possam contribuir e buscar um desenvolvimento social ainda maior.

A comunicação comunitária por meio das Relações Públicas tem um caráter democrático, coletivo e participativo na gestão e planejamento da comunicação de interesse público. Portanto, a comunicação comunitária está voltada para valorizar as comunidades dentro da sociedade, auxiliando na busca pelo direito igualitário da cidadania e dando suporte à resolução dos problemas do dia a dia destes cidadãos.

A função social das Relações Públicas também é tornar-se parte de um movimento de luta e legitimidade dentro da sociedade civil, ajudando a desenvolver cidadãos capazes de auxiliar na mudança social de sua própria comunidade através da pirâmide de conscientização-mobilização-ação (SILVA, GUEDES, SANTOS, 2017, p. 94), buscando despertar na população o interesse pela participação política para que suas realidade sejam mudadas.

O relações-públicas dentro deste contexto atua intermediando as relações, interesses e necessidades da população pobre entre órgãos públicos e privados, buscando resolver e atender principalmente às questões da parcela empobrecida, onde os déficits acontecem nas áreas de saúde, moradia, lazer, cultura, educação, etc.

Com caráter mediador, o relações-públicas busca não só criar pontes de diálogos e administrar relacionamentos, buscam despertar o interesse da população na participação dessa luta para que sejam os próprios gestores da mudança social que pode acontecer em sua comunidade.

A comunicação comunitária possibilita aos atores sociais a produção de conhecimento sobre o mundo e, a partir dele, competências para transformá-lo – portanto, gera consciência, poder, sensibilidade e capacidade de influenciar e tomar decisões. Por outro lado, a falta de consciência política abre espaço para a dependência ideológica, já que o homem fica destituído da capacidade de distinguir e decidir, não assumindo responsabilidades, e para a atuação de instituições e grupos descomprometidos com as causas sociais coletivas. (SILVA, GUEDES, SANTOS, 2017. p. 96)

O campo do Terceiro Setor atua próximo das demandas sociais por políticas públicas, estabelecendo uma articulação com o Poder Público (primeiro setor) cobrindo muitas vezes as deficiências do Estado junto às parcelas mais empobrecidas da população, principalmente por meio de ONG's.

Quando tratando de segundo setor, empresas privadas em tempos atuais preocupam-se em como devolver para a sociedade tudo o que “retira” dela, através das ações de Responsabilidade Social, auxiliando na manutenção e melhoria de vida das pessoas e a diminuição da desigualdade. Importante ressaltar que estas ações devem ser realizadas com base nas necessidades do público que será atingido, de modo participativo e democrático, priorizando a participação destas pessoas desde o planejamento até a gestão dos projetos.

Olhando todo este cenário, Silva, Guedes e Santos (2017, p. 94) destacam que assim é possível dizer que a comunicação comunitária representa uma esperança na diminuição da desigualdade social e cidadã.

É perceptível como a comunicação comunitária através dos olhos dos autores mencionados durante esta discussão se faz transformadora, como seu principal papel é a transformação, levando conscientização, luta e legitimidade às comunidades carentes, em que a cidadania tão pouco se faz presente devido à falta de democratização da informação, principalmente ao se aproximar da periferia.

A luta dos periféricos não é apenas por comida e moradia, é também por informação, capacitação e participação social ativa, onde a comunicação comunitária se faz seu principal instrumento de trabalho auxiliando na transformação social da comunidade levando os próprios residentes do local a serem voluntários nas ações sociais voltadas para a melhoria de vida das pessoas que residem na favela em questão, arquitetando e construindo uma rede de apoio e solidariedade capaz de transformar a situação na qual se encontram vivendo, alcançando dezenas de pessoas dispostas a levar melhores estruturas e auxiliar moradores a enxergar seu potencial como agente transformador na história da comunidade.

2.2 O que são as favelas em uma perspectiva histórica e a Favela de Paraisópolis.

Em termos técnicos favelas são aglomerações residenciais, muitas vezes irregulares, que geralmente se encontram em regiões mais afastadas do centro de alguma cidade ou metrópole. Alguns filmes brasileiros como “Cidade de Deus” (2002) e “Tropa de Elite” (2007-

2010) retratam as típicas favelas brasileiras, mais precisamente as favelas cariocas. Sempre que retratadas, sua imagem é representada como um local de difícil acesso e um alto índice de violência, contendo pessoas carentes e baixa infraestrutura para os moradores do local. Essa imagem corresponde à realidade de centenas de favelas pelo Brasil a fora e a existência de periferias é bem mais comum do que as pessoas realmente enxergam, em São Paulo por exemplo, a cidade com maior número de favelas do Brasil, possuem cerca de 1.715 ocupações registradas pela Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB, 2018).

No livro “Um País Chamado Favela” (2014) escrito por Renato Meirelles e Celso Athayde retratam um pouco sobre a história dessas favelas e suas reais dimensões. Cerca de 6% da população total brasileira vivem em favelas, ou seja, 11,7 milhões de pessoas. Se as favelas formassem um estado, de acordo com a pesquisa dos autores, este seria o mais populoso do País, capaz de movimentar 63 bilhões de reais por ano, pois afinal são estes 6% da população brasileira são capazes de gerar tendências, movimentar mercados, empreender e reinventar atividades econômicas, as favelas brasileiras possuem grande força. Mas, ainda assim é invisível tanto para o Estado quanto para a mídia, deixada sem recursos e opções para desenvolvimento. Vale ressaltar que estes dados são dados pelos autores no ano de 2014, ano de publicação do livro.

O estereótipo de uma favela 100% miserável com pessoas indolentes e sem cultura é totalmente quebrado por Meirelles e Athayde, onde através de uma pesquisa pelo Instituto Data Favela, puderam perceber totalmente o contrário e como as favelas são heterogêneas, onde há desde centros de comércios desenvolvidos, até lugares precários com baixos níveis de estruturas, onde de um lado um comerciante local bem sucedido reforma sua casa de três andares com varanda gourmet, e na mesma rua uma família dorme em uma casa com apenas dois cômodos. Os dados trouxeram na verdade uma favela muito menos pobre do que se imagina e pessoas ansiosas e esperançosas para contemplar a inclusão social e processos econômicos. Um dado interessante é de que 94% dos favelados se consideram felizes.

Realizando uma breve regressão histórica ao termo “favela”, entre os anos de 1896 e 1897 chegamos à Guerra dos Canudos. Com o final da guerra, muitos soldados esperavam reconhecimento e premiações pelo seu sucesso, parte deste reconhecimento era através de moradias. Mas esse reconhecimento se limitou apenas aos elogios tanto da mídia quanto dos políticos, logo após o descaso com esses ex-soldados foi tanto que sua imagem foi reduzida a legião de desocupados, sem soldo e sem chão, como diz os autores.

O desespero dessa tropa sem moradia e como viver, os obrigou a levantar moradias em um morro na zona portuária do Rio de Janeiro. Nos primeiros dias, estes homens se

lembraram da elevação estratégica onde haviam ficado para enfrentar outros pelotões, os pelotões do beato Antônio Conselheiro. Essa posição tinha o nome de “favela” que remetia a plantas ali encontradas, a *Cnidoscolus Quercifolius*.

Por conta desta lembrança ou simplesmente pela semelhança geográfica do Rio ao local onde batalhavam, o morro passou a se chamar “Da Favela”. Em seu primeiro momento, a palavra “Favela” ainda era utilizada como um substantivo próprio, mas aos poucos o aglomerado de veteranos começou a ser visível se tornando referência nas comunidades carentes que se espalharam pela cidade do Rio de Janeiro. Como resultado dessa rápida aglomeração, a palavra então tornou-se um substantivo concreto, representando uma categoria singular de aglomeração habitacional e sem planejamento urbano do Estado.

Em contrapartida ao nascimento da palavra, alguns estudiosos relatam que a primeira favela do Brasil surgiu em Santos, no litoral paulista em meados de 1881. Havia um Quilombo chamado de Quilombo do Jabaquara, onde surgiu uma colônia urbana de escravos fugitivos. As longas fileiras de barracos surgiam rapidamente abrigando pessoas de outras localidades, originando-se então uma Favela.

Em termos atuais através do artigo dos autores Ronaldo de Almeida, Tiarajú D’Andrea e Daniel De Lucca, as atuais configurações das favelas, especificamente de São Paulo, se trata de uma discussão referente a articulação entre a pobreza urbana e desigualdade social com base em alguns estudos populacionais realizados na cidade de São Paulo.

Como primeiro pensamento os autores já apresentaram a visão de que quando se trata de uma discussão referente à desigualdade social e a pobreza urbana não estão necessariamente atreladas e caminhando em juntos, pode-se ocorrer a situação em que a sociedade observou uma significativa baixa em níveis de pobreza, porém as métricas quanto à desigualdade só aumenta (ALMEIDA, D’ANDREA, LUCCA, 2008, p.519. Kindle).

A região metropolitana de São Paulo e sua atual configuração, foi consequência de ações socioeconômicas que ocorrem por volta do século XX. Em 1950 iniciou-se um processo de industrialização do sudeste do País, fato de grande peso que sequenciou na alta migração de principalmente nordestinos, pessoas que fugiam da pobreza em busca de oportunidades de melhoria de vida.

Ao chegarem na região Sudeste, os migrantes se depararam com empregos em indústrias recém construídas através da expansão da construção civil. Levando em consideração o contexto da época, essas pessoas se viam obrigadas a procurar moradia nas áreas periféricas das grandes cidades, especificamente na cidade de São Paulo, os migrantes se concentraram nas zonas Norte e Sul e encontraram uma deplorável condição de habitação.

No entanto, a situação atual das periferias de São Paulo é diferente da apresentada no processo de industrialização. Essas regiões que antigamente eram consideradas como periferia, vieram sofrendo diversas alterações e melhorias como asfalto, saneamento básico, transporte público, escolas e creches públicas, assim como UBS (Unidade Básica de Saúde).

Sendo assim, em certos contextos e partindo de indicadores sociais, estes contextos de pobreza estão apresentando melhorias sociais essenciais para eles, porém ao olhar por outros fatores é possível dizer que há uma piora da vida nessas regiões e com indicadores como a violência, havendo um aumento no índice implica em maiores probabilidades de ser ou vítima da violência de alguma forma, ou juntar-se à ela através do tráfico e quadrilhas.

Para realizar a pesquisa, os autores utilizaram de um método de avaliação na qual consiste em comparar dados das periferias, que estão distantes da concentração de produção urbana tendo como objeto de pesquisa a favela de Paraisópolis e seu entorno o nobre bairro do morumbi, o distrito da Cidade de Tiradentes e o “Centro Expandido” de São Paulo, além dos moradores de rua do centro comercial de São Paulo (2008). Nesta monografia, vamos analisar a relação de Paraisópolis-Morumbi.

Os autores começam realizando a análise e pesquisa na região de Paraisópolis-Morumbi. Como já apresentado nesta monografia, Paraisópolis é a segunda maior favela de São Paulo, alocada ao lado do bairro do Morumbi, um dos bairros mais caros da cidade.

Por conta da percepção visual entre Paraisópolis e Morumbi, onde a favela está cercada de prédios harmonicamente arquitetados da classe média e alta e suas mansões, o que revela a situação de pobreza da população que ali reside criando o contraste já conhecido por todos que já tenham passado pela região. Em contrapartida, comparando Paraisópolis com outras localidades a favela representa pouco sobre a real pobreza da metrópole pois além de possuir uma ampla e significativa rede de apoio e acesso à recursos, possui também uma localização privilegiada.

A formação dessas áreas ocorreu de forma conjunta, pois ao mesmo tempo em que aumentavam os interesses de empreendimento imobiliário na região, havia interesse em uma grande oferta de mão de obra para construções civis e posteriormente para comércio e serviços domésticos, pois seriam serviços demandados pelas mansões e condomínios.

Este crescimento em conjunto rendeu frutos que foram mapeados em 2003, que de acordo com uma pesquisa realizada no ano, boa parte da mão de obra disponível na localidade estava empregada e principalmente nas áreas de prestação de serviço e construção civil, transformando Paraisópolis em uma fonte de mão de obra e desencadeando a visão sobre a comunidade de um ativo econômico na oferta de trabalhos, ONG's e movimentos voluntários

como vagas em escolas particulares, acesso à assistência médica particular, etc., fruto da sua relação com a rica vizinhança.

Isso refletiu positivamente a favela, através de uma boa rede de relação entre de algumas lideranças locais e grupos políticos entre os anos de 2001 a 2004, fator que resultou em diversas políticas sociais favoráveis para a região. De acordo com os autores, é importante lembrar de que em meados de 1993-2000, as gestões anteriores responsáveis por Paraisópolis, os então prefeitos Paulo Maluf e Celso Pitta realizaram muito pouco para a comunidade, ao contrário do que se esperava, ambos possuíam projetos para retirar a favela daquela região e construir avenidas que ligassem o Morumbi à região da Marginal Pinheiros.

Refletindo agora sobre as relações internas de Paraisópolis, a favela apresenta indicadores de atenuação da pobreza. Historicamente por conta da sua configuração e formação, o local possui muitos laços fortes de parentesco e vizinhança que foram construídos derivados da migração que ocorreu da região Nordeste para a cidade de São Paulo.

De acordo com pesquisa realizada em 2003, apenas 7% da população não possuíam parentes que também fossem residentes da favela. Por este motivo e por conta de boa parte da população pertencer às mesmas regiões do nordeste, a rede de solidariedade do local é bem alta resultando em atividades de fins filantrópicos ou prestação de favores para parentes ou conhecidos como cuidar das crianças, solidarização em momentos de doenças, ajuda mútua e até empréstimo de dinheiro. Este fator foi um grande peso na construção do comércio local, que atualmente é dominado por empresas familiares e moradores mais antigos.

Por ser um local com alta visibilidade e grande concentração de ONGs, Paraisópolis se tornou um local de concentração de ações privadas e públicas o que a transformou em uma espécie de “laboratório” das empresas tanto privadas quanto públicas de iniciativas sociais. Todos os investimentos que ocorriam na comunidade atraíam mais investimentos, segundo autores é um processo de retroalimentação.

Por esse motivo, morar em Paraisópolis era sinônimo de melhoria de vida e até ascensão social. É importante ressaltar que boa parte das ações que a favela recebeu e recebe é consequência do local ser considerado como “pacificado”, porém não através da segurança pública e sim de alguns grupos que regem a comunidade.

Estes dados corroboram com uma realidade que pode não ser vista em toda comunidade, pois como citado pelos próprios autores a localidade de Paraisópolis auxilia na entrada de ações sociais e doações mais facilmente em consequência da vizinhança que segundo o IDH de 2007

via Wikipédia, o bairro do Morumbi possui um índice de 0,938¹¹ e que segundo classificação da própria pesquisa é um índice muito elevado sendo o 13º bairro com o maior IDH do município de São Paulo.

Este auxílio da vizinhança e de outros órgãos como ONG's é muito bem-vindo pela comunidade, porém quando analisamos ações governamentais o cenário é diferente e principalmente se tratando do auxílio do Estado quanto a gestão da pandemia do COVID-19. Paraisópolis se viu totalmente sem apoio e orientação governamental, e foi nesse contexto em que a comunicação comunitária se fez mais presente do que nunca, mobilizando centenas de pessoas da comunidade para a criação de uma rede de apoio capaz de gerir todos os contratempos vindos com o COVID-19.

3. PARAISÓPOLIS E A PANDEMIA DE COVID-19

3.1 Metodologia

A pesquisa de campo realizada tem o objetivo de analisar a atual situação social em que a favela de Paraisópolis se encontra devido à pandemia de COVID-19, levando em consideração que é a segunda maior favela de São Paulo e que é uma região ainda com alto índice de pobreza, fato apresentado pelo site da BBC News em 5 de dezembro de 2019¹², onde morador da favela possui em média dez anos a menos do que seus vizinhos do Morumbi .

Analisando sua situação atual é possível analisar e entender o impacto da comunicação comunitária como agente transformador dentro da periferia. Além do mapeamento e estudos bibliográficos, realizamos uma entrevista com Gilson Rodrigues, figura chave da comunidade. Para contatar o senhor Gilson Rodrigues primeiro foi preciso contatar a assessoria de imprensa do líder, Francisca Rodrigues.

A assessora intermediou todo o contato até o senhor Gilson Rodrigues e marcou data e horário de acordo com a agenda dele. Esse fator mostra o nível de organização em questão quando trata-se da autogestão de Paraisópolis, demonstrando muito preparo e estrutura no movimento. Gilson concedeu a entrevista, que foi registrada via plataforma online Zoom de forma aberta e flexível com um roteiro semiestruturado.

¹¹Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_distritos_de_S%C3%A3o_Paulo_por_%C3%8Dndice_de_Developmento_Humano

¹² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666702>

O senhor Gilson Rodrigues foi transparente quanto a situação atual da periferia, as ações tomadas, dificuldades e ajudas recebidas. O líder comunitário também revelou contar com 658 presidentes de rua, voluntários encarregados por algumas atividades diárias dentro da favela de acordo com a rua que lhe é atribuída, as peças-chaves para a engrenagem da autogestão rodar.

Para mapear os perfis e atividades dos presidentes de rua e analisar sua visão referente à autogestão, criamos um questionário online através do GoogleForms¹³. Adotamos esta estratégia de questionário quantitativo e estruturado como uma alternativa possível diante do distanciamento social imposto pelas autoridades sanitárias, diferentemente da nossa proposta inicial em projeto de pesquisa, que endereçava a coleta de dados em campo, ouvindo os presidentes de rua no território de Paraisópolis.

O objetivo do questionário seria mapear quem são os presidentes de rua e o que eles fazem, como lidam com a comunicação comunitária, como eles fazem parte dessa rede viva de apoio. O questionário foi distribuído para os presidentes de rua por meio dos próprios de grupos de WhatsApp, pela coordenadora do grupo de 658 integrantes Flávia Rodrigues, que foi o ponto focal dessa comunicação. O questionário atingiu um número baixo de 46 respondentes, longe do universo ideal para uma análise mais assertiva dos perfis como gostaríamos.

É importante ressaltar que toda pesquisa de campo foi realizada de forma remota devido à pandemia em questão. Para não colocar a saúde da pesquisadora e das outras pessoas em risco, optamos pela pesquisa em modo remoto sob a supervisão do orientador desta monografia.

3.2 Organização comunitária e G10

Paraisópolis se tornará uma cidade centenária em breve, em 2021. Como visto anteriormente nesta monografia, a favela nasceu e cresceu de forma desordenada e sem auxílio do Estado, em decorrência do crescimento imobiliário do bairro do Morumbi. A favela pela sua localidade e “popularidade” na mídia sempre recebeu auxílio de empresas e ONG’s.

No ano de 2020 o Brasil e o mundo se deparou com uma pandemia que encerrou a vida de, segundo painel oficial¹⁴ do COVID-19 no google em 26 de novembro de 2020, cerca de 1 milhão e oitocentas pessoas ao redor do mundo. A região de periferia foi a mais afetada no Brasil, concentrando nas favelas do Rio de Janeiro 174 mortes no mês de Maio e aumentando,

¹³ GoogleForms: Plataforma do Google para a elaboração online e gratuita de questionários.

¹⁴Fonte: https://www.google.com/search?q=covid+paniel&rlz=1C1GCEA_enBR844BR844&oq=covid+paniel&aqs=chrome..69i57j0i1313j69i6014.1622j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

segundo G1¹⁵ no dia 21 de maio de 2020. Em Paraisópolis não foi diferente, onde de 50 óbitos a cada 100 mil habitantes em maio, para 116 mortes a cada 100 mil habitantes em agosto¹⁶, segundo matéria no site IG no dia 8 de setembro de 2020.

Para lidar com o impacto da pandemia e evitar ao máximo que o número de mortes fosse maior tanto por COVID-19 quanto por fome na favela, a instituição União do Moradores de Paraisópolis tendo a frente o líder comunitário Gilson Rodrigues, entrou em ação. Dentro do contexto de pandemia Paraisópolis e as populações das favelas ficam relativamente mais vulneráveis quanto o restante dos distritos de São Paulo.

Percebendo a gravidade da situação, que era algo novo em que o próprio governo brasileiro não soube gerir, e que a maior parte da população de Paraisópolis estavam descrente da gravidade da doença, Gilson e sua equipe decidiu agir.

(...) Uns acreditam, outros não acreditando achando que era só para rico, que era só uma “gripezinha”, mas efetivamente não fazendo nada e quando enfim fizeram alguma coisa, esqueceram que existem quatorze milhões de brasileiros vivendo nas favelas (...). (RODRIGUES, 2020)

A União dos Moradores de Paraisópolis dispõe de um papel de presidente na qual a população relaciona a prefeito do bairro, neste caso Gilson Rodrigues pertence a este cargo, sendo visto pela população como prefeito de Paraisópolis e figura para concentração de pedidos, auxílios e até reclamação. A relação do Gilson com a população é muito forte e próxima por ele estar na região em seu dia a dia atendendo a comunidade.

Constatando a situação atual do País e mapeando os possíveis estragos da pandemia dentro da favela, a associação Nova Paraisópolis que constitui em projetos de urbanização, percebeu que não poderia mobilizar pessoas para ajudar tendo em vista as orientações da OMS para o isolamento social.

Com essa dificuldade em mente, a União decidiu realizar um mapeamento na comunidade e ter mais presidentes na organização dando origem aos presidentes de rua, um morador voluntário que cuidaria de um número de 50 casas, o objeto era claro para a melhor realização das ações decidiram que para cada presidente de rua são cinquenta famílias para atender as necessidade, monitorar e entregar doações.

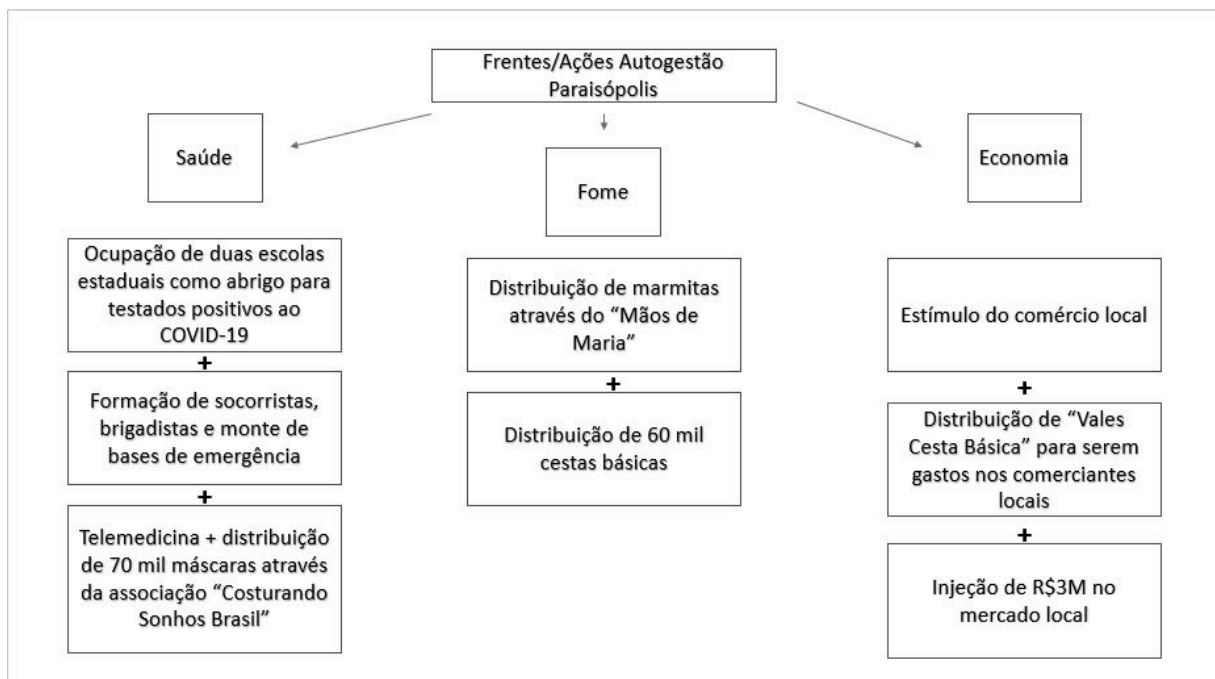
¹⁵Fonte:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/21/favelas-do-rio-somam-mais-mortes-por-covid-19-do-que-15-estados-do-brasil.ghtml>

¹⁶Fonte:<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-09-08/mortes-por-covid-19-em-paraisopolis-crescem-240-em-dois-meses.html>

Este processo de mobilização social diz muito a respeito da comunicação comunitária existente dentro da comunidade, pois segundo os autores Marcelo Pereira Da Silva, Éllida Neiva Guedes e Protásio César Dos Santos (2017. p.93), é a própria comunicação comunitária do local que tem este poder transformador de conscientização-mobilização-ação, conceito trago pelos autores através de uma pirâmide sendo a conscientização a base, mobilização o próximo passo e a ação como passo número três dos reflexos da comunicação dentro da periferia, auxiliando na luta e legitimidade de sua voz sendo protagonista da sua própria mudança social.

É importante destacar que toda comunicação dos presidentes de rua com a gestão e liderança da União dos Moradores é prioritariamente realizada por WhatsApp através de grupos, revelando o importante papel das redes sociais por ser também um canal de comunicação fácil e ágil para a população e todos inseridos na gestão, transformando o WhatsApp em uma forma de comunicação direta auxiliando na gestão e comunicação de todas as partes envolvidas e principalmente os 658 presidentes de rua.

Figura 1 – Frentes de Atuação



Fonte: a autora.

Assim que estruturaram e estabilizaram a área de presidentes de rua, a associação reuniu-se juntamente aos voluntários para estruturar os campos de atuação e de maior atenção.

A autogestão de Paraisópolis conta com oito iniciativas distribuídas em três frentes de atuação, Saúde, fome e economia.

Para a área da saúde identificando os principais problemas, a comunidade decidiu realizar a ocupação de duas escolas estaduais para servir como abrigo e socorro para os testados positivos chegando a abrigar dezenas de pessoas, organizado as escolas iniciaram a segunda iniciativa que consistiu em formar socorristas e brigadistas além de montar bases de emergência para atender a população, pois como foi dito pelo senhor Gilson Rodrigues, este tipo de serviço é de difícil acesso para a população, como terceira iniciativa e última na área da saúde foram distribuídas setenta mil máscaras na comunidade com o auxílio do projeto “Costurando Sonhos Brasil”.

Visando atender a frente de economia foram executadas duas ações: no primeiro momento foi distribuído para a população um “vale cesta básica” que poderia ser utilizado nos comércios locais auxiliando na renda local sendo esse movimento um estímulo do comércio local, juntamente com a iniciativa de injeção de 3 milhões de reais no comércio da comunidade

Conhecendo a situação da comunidade, a associação entendeu que muito provavelmente muitas pessoas passariam fome durante esta turbulência e para evitar a fome na comunidade foram distribuídas mais de sessenta mil cestas básicas além de marmitas gratuitas todos os dias confeccionadas pelo projeto Mãos de Maria.

A parceria entre os projetos sociais demonstra a rede de vínculos fortes que são gerados pela comunicação comunitária voltada só para um objetivo em comum, a transformação. A favela de Paraisópolis possui um grande auxílio vindo de ONG's e associações que incentivam e auxiliam a população local a reconhecerem sua capacidade de consciência de poder e ação (SILVA, GUEDES, SANTOS. 2017, p. 91), a mobilização social foi parte essencial para a estruturação de frentes de atuação que pudessem abranger diversas áreas e toda a comunidade de forma que Paraisópolis pudesse sofrer o menor impacto possível.

A comunicação comunitária possibilita aos atores sociais a produção de conhecimento sobre o mundo e, a partir dele, competências para transformá-lo – portanto, gera consciência, poder, sensibilidade e capacidade de influenciar e tomar decisões (...). (SILVA, GUEDES, SANTOS, 2017. p. 96)

Para auxiliar na estruturação e na captação de recursos o G10 estava presente desde o início. O G10 das favelas foi criado por um bloco de líderes e empreendedores sociais vindos das 10 maiores favelas do Brasil. Que recentemente batem a marca de faturamento de sete

bilhões de reais, provando de fato que as favelas são potentes e dinâmicas com oportunidades e para quem quer empreender, e nesse contexto o G10 auxilia as favelas a serem agentes de sua própria transformação.

Nascido em Paraisópolis, hoje o G10 atua em favelas do Brasil inteiro auxiliando em diversas frentes e como já possuía uma estruturação auxiliou Paraisópolis na mobilização de recursos e estruturas, auxiliando no financiamento das ações na favela. Apesar de haver mobilização e auxílio financeiro através do G10, a comunidade de Paraisópolis ainda necessita de uma grande quantidade de doações. Segundo Gilson Rodrigues em entrevista, no início da pandemia as doações vieram em grandes quantidades. Porém, após alguns meses e a população em geral estar desacreditada nas consequências do COVID-19 as doações começaram a diminuir. Hoje eles enfrentam buraco no orçamento e vivendo um dia de cada vez.

A gente está aqui se articulando bastante e todos os dias pedindo, está dando vergonha já de tanto pedir, mas não temos opção. Ou pede ou para o trabalho, então nós vamos pedir. (RODRIGUES, 2020)

3.3 Os presidentes de rua

Os presidentes de rua foram peças-chaves e essenciais para a boa e organizada distribuição de frentes e afazeres durante a pandemia. Os presidentes de rua são moradores da favela e que se voluntariaram para auxiliar na pandemia, sendo a eles então atribuído o papel chave de presidente o tornando protagonista da ação e transformação social. A partir dessa organização de presidentes dentro do projeto de autogestão, a liderança da ação direcionou três responsabilidades para cada presidente que consiste em:

- **Conscientizar o morador a ficar em casa** - de acordo com Gilson Rodrigues é quase impossível fazer com que a população de Paraisópolis fique dentro de casa. São casas aglomeradas, muitas vezes de apenas dois cômodos ou menos que abrigam uma família inteira. Muitas pessoas necessitam sair de suas casas diariamente para trabalhar, dificultando o distanciamento social. A conscientização foi e ainda é primordial.
- **Distribuição de doações que eventualmente chegariam** - para evitar aglomerações e assim a disseminação do vírus COVID-19, os presidentes de rua são responsáveis pela distribuição das doações para as 50 casas sob a responsabilidade de cada um. Cestas básicas

e kits de higiene são entregues de porta em porta para que as pessoas não precisem sair de suas casas.

- **Chamar a ambulância quando necessário** - no caso de haver suspeitas nas casas, pessoas infectadas ou com qualquer outra emergência médica, os presidentes de rua acionam as ambulâncias que no caso são ambulâncias adquiridas pela própria favela pois segundo Gilson, o SAMU não entra na favela.

O presidente de rua é o ponto focal de 50 famílias por região, a comunidade passou a ver o presidente de rua como foco para toda e qualquer necessidade, recorrendo à eles quando necessário. Através da pesquisa por formulário enviada aos presidentes de rua, na qual obteve-se apenas 7% (46) de respondentes, foi possível começar a ter uma ideia de como hoje a população os enxerga onde além de 27 (58%) relataram que a população os busca com maior frequência para auxílio na distribuição de cestas básicas, 17 (37%) relataram que a população os procurou também em busca de oportunidade de salários.

Viver na favela é, sobretudo, construir laços. No entanto, é também tocar a vida para a frente quando seus moradores são abruptamente “quebrados”, seja por motivos particulares seja por inflexões derivadas de decisões no âmbito da gestão pública. (MEIRELLES, ATHAYDE, 2014. p.427. Kindle)

Não foi possível mapear ao certo o perfil de um presidente de rua a partir de um bom universo de respondentes. Analisando as 46 respostas ao questionário, 80% são mulheres identificadas como cis gênero, sendo 37% do total de 46 respondentes serem e se identificarem como pretos e 34% como brancos e 73% não tiveram o nascimento na favela, vieram de lugares como Bahia, Piauí, Campo Limpo e etc.

Como relatado por Gilson Rodrigues, a mobilização aconteceu principalmente através de carros de som e convite de vizinhos/amigos, dado que refletiu na pesquisa 82% dos 46 presidentes ficaram cientes da convocação através de vizinhos e amigos. A mobilização ocorreu também através do jornal e rádio comunitária. Quando perguntado aos presidentes de rua qual o principal motivo de serem voluntários nas ações e 100% das respostas se voltaram ao simples “amor ao próximo” e ajuda à sua comunidade.

A estruturação dos presidentes de rua aconteceu de forma clara e a comunicação com este grupo de voluntários foi eficiente levando em consideração os meios disponíveis utilizados para a comunicação, com base nas três responsabilidades agregadas por Gilson, 73% dos respondentes apontaram as mesmas atividades que o líder comunitário.

Os presidentes de rua são a demonstração clara e objetiva dos conceitos trazidos por Peruzzo (2014), a mobilização e desenvolvimento de consciência social e política da população promove uma rede de apoio e desenvolvimento da cidadania, pois quando há o exercício da cidadania há desenvolvimento social abrangendo todos os sentidos possíveis de participação (PERUZZO, 2014. p.46), revelando a favela como a potência e agente da sua própria transformação.

3.4 Redes sociais e uso da comunidade

A comunicação e divulgação das ações que ocorre em Paraisópolis e toda realizada através das redes sociais. O WhatsApp se deu como principal meio de comunicação entre todas as partes envolvidas na gestão e ações, as divulgações e mobilização ocorreram através de jornais comunitários, grupos do Facebook e páginas no Instagram.

O projeto Nova Paraisópolis possui uma página no Instagram na qual realiza a postagem diariamente de todo o movimento acontecendo na Favela, bem como divulgam e geram conteúdo com presidentes de rua, filmagem da distribuição e anúncio de recados importantes que precisam ser disseminados na comunidade com o *user* @novaparaipolis. A página conta atualmente com 4.312 seguidores e 253 postagens que se dividem em divulgações de ações, orientações sobre os projetos e iniciativas, divulgações até mesmo de vagas de trabalho.

Figura 2 e 3 - Perfil Nova Paraisópolis no Instagram

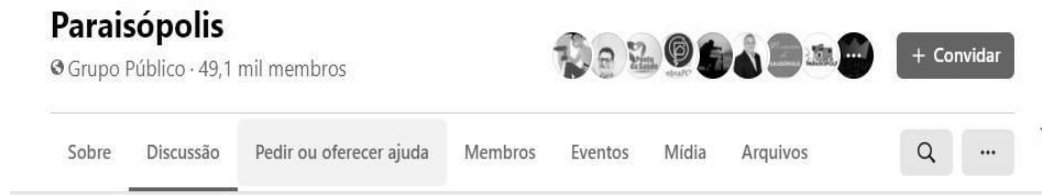


Fonte: Instagram

Em meio aos 658 presidentes de rua Flávia Rodrigues, coordenadora dos presidentes, utiliza da acessibilidade do WhatsApp para contatar os presidentes, os distribuindo por grupo onde conversam entre si, com a liderança e as famílias monitoradas. Quando questionados sobre a forma de comunicação entre eles, o resultado do formulário revelou que 91% relatou utilizar do WhatsApp além das redes sociais como Facebook e Instagram.

A principal ferramenta é o próprio WhatsApp. Nós temos as famílias sendo monitoradas pelos presidentes de rua através de grupos do WhatsApp, então 658 grupos e cada presidente de um grupo de 50 famílias e sempre que a família apresenta algum problema ela pode acionar o presidente de rua, que nos aciona. (RODRIGUES, 2020)

Figura 4 - Grupo de Facebook Paraisópolis



Fonte: facebook.com/groups/paraisopolis

Não só as contas oficiais das associações são utilizadas para a comunicação com a população, outras contas criadas por moradores também fazem a sua parte no papel de comunicar à comunidade as principais informações e notícias relacionadas ao dia a dia dessa periferia, auxiliando na alimentação de informações para os que acompanham as redes. Como um grande exemplo é o grupo oficial do Facebook de Paraisópolis, com mais de 49 mil integrantes onde é um espaço para discussões de iniciativas, notícias, ajuda e informação referente à comunidade.

Figura 5 - Descrição grupo de facebook Paraisópolis

Sobre

Grupo da comunidade de Paraisópolis em São Paulo, onde buscamos divulgar as novidades e notícias da comunidade.

Buscando ser também um espaço para discussão de idéias e iniciativas. **Ver menos**

Fonte: facebook.com/groups/paraisopolis

Os posts nesse grupo são extremamente diversos partindo desde pedidos de ajuda até divulgação de trabalhos, de eventos, e assuntos humorísticos relacionados à favela.

Figura 6 - Post grupo de facebook Paraisópolis



Fonte: facebook.com/groups/paraisopolis

No caso do post apresentado acima, a população recorre ao grupo também para assuntos graves e emergenciais, esperando auxílio da comunidade de alguma forma. Auxílio esse que não é negado, pois a população local se empenha em ajudar através da rede de apoio já existente dentro da favela. É indiscutível a importância das redes sociais tanto para a gestão da pandemia quanto para o dia a dia da população local. Sendo uma forma gratuita e acessível para todos, as redes se fazem principal ferramenta na comunicação desta rede de apoio existente entre os moradores.

3.5 A ausência do governo

A comunicação comunitária, problematização do contexto em que vive e conscientização social/política acontecem e são voltadas efetivamente para a parcela mais pobre da população auxiliando na busca pelo direito igualitário da cidadania e levando problemas do dia a dia destas pessoas a fim de ajudar a saná-los, se tornando um movimento de luta e legitimidade dentro da sociedade civil (SILVA, GUEDES, SANTOS, 2017. p.93).

Este cenário de carência e necessidade de auxílio do Relações Públicas na comunicação social surge também pela ausência de políticas públicas efetivas para as comunidades, as deixando muitas vezes com falta de estruturas, saneamento, etc. É uma realidade enfrentada

não só por Paraisópolis, mas também por diversas periferias em São Paulo como a primeira maior favela da cidade, Heliópolis.

Neste ano de 2020 a pandemia pegou todos de surpresa, tanto o governo quanto a área da saúde, o mercado de trabalho, as periferias, todos foram pegos de surpresa e se viram dentro dessa situação totalmente nova na qual foi preciso estruturar e determinar diversas diretrizes novas de saneamento e higiene para evitar com que o vírus fosse proliferado com maior intensidade. Infelizmente a gestão do atual governo do Presidente Jair Bolsonaro teve muitas oscilações e ações que não condizem com as diretrizes recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde), levando é claro a um número elevado de mortes por todo o território brasileiro e conseqüentemente à insatisfação da população geral.

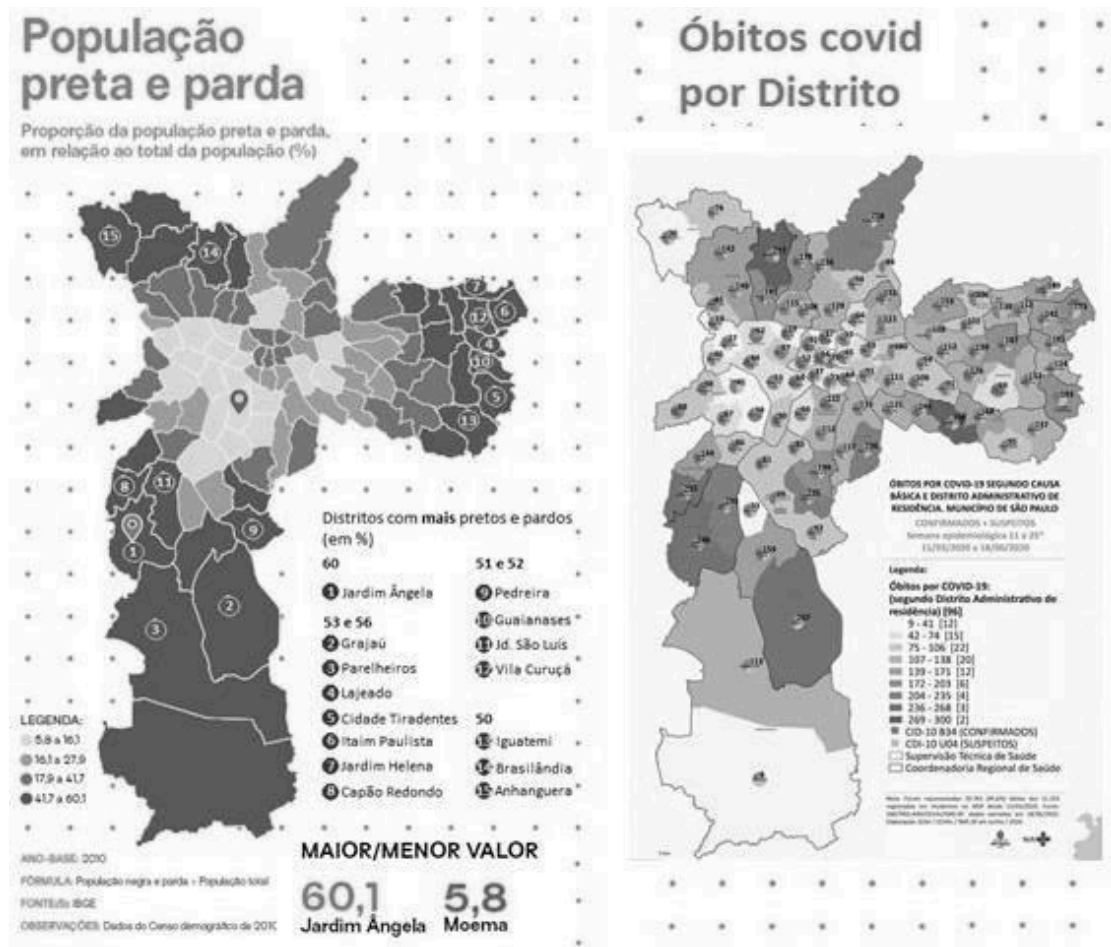
O epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz Jesem Orellana, acusa o governo Bolsonaro de não ter tomado nenhuma medida coerente no começo da pandemia, levando o Brasil hoje a estar prestes a entrar na segunda posição de maior mortes causadas pelo COVID-19 de acordo com matéria da Rede Brasil Atual¹⁷ em 5 de junho de 2020, revelando assim a ausência do governo durante este momento de diversas complicações.

Neste contexto a região metropolitana de São Paulo se tornou epicentro da propagação da pandemia e ainda com problemas em todas as áreas, as periferias foram as mais afetadas. De acordo com matéria online da CNN Brasil¹⁸ em 5 de junho de 2020, a cada dez brancos que vem a óbito em decorrência do vírus vem a óbito também 14 negros e pardos, morrendo 40% mais negros que brancos por coronavírus. Através do mapa da desigualdade da Rede Nossa São Paulo em 2019, é possível identificar a concentração de negros e pardos na periferia.

¹⁷Fonte:<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/06/gestao-da-pandemia-no-brasil-e-desastrosa-acusa-epidemiologista-da-fiocruz/>

¹⁸Fonte:<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>

Figura 7 - Mapa Desigualdade 2019



Fonte: Rede Nossa São Paulo e Secretaria Municipal de Saúde, 2020

Ao ligarmos os pontos é possível dizer que a parcela da população que mais sofre atualmente com a pandemia é a que reside em periferia. Paraisópolis sendo a segunda maior favela de São Paulo necessita obviamente de mais recursos e auxílios de políticas públicas. Segundo Gilson Rodrigues, não houve nem no começo da pandemia e nem no presente momento, o governo se fez ausente nas periferias, tornando as áreas mais vulneráveis do que já são.

(...) o governo tem feito muito pouco, como eu já disse tem feito a população de cobaia, está faltando lideranças no Brasil para ajudar a gente a conduzir essa crise e não é à toa que nós temos 1.000 pessoas morrendo por dia no Brasil, então é um desafio poder vencer esse obstáculo (...). (RODRIGUES, 2020)

A falta de políticas públicas de prevenção na favela afetou negativamente a população, levando assim a população a acreditar que o COVID-19 era apenas uma simples gripe e que

este seria o “novo normal” induzindo assim a comunidade ao erro o tempo todo, dificultando as ações das associações presentes em Paraisópolis.

Receber mensagens diariamente ainda, pessoas me mandando mensagens me cobrando cesta básica por terem recebido apenas uma vez (...). (ANÔNIMO. Questionário Presidentes de Rua, 2020)

A falta de políticas públicas e auxílio do governo não foi sentido apenas pela liderança, os presidentes de rua também relataram a ausência do governo através do questionário aplicado, onde 89% dos 46 respondentes relataram não sentir a ajuda vinda dos órgãos governamentais nesse período e conseqüentemente quando questionados pela maior dificuldade neste período por estarem lidando diretamente com a população na autogestão os presidentes se sentem mais pressionados pela comunidade pois se tornaram ponto focal de auxílio.

3.6 Visão do futuro

Mesmo a pandemia sendo algo ainda presente na rotina das pessoas e na rotina de Paraisópolis, a comunidade e principalmente as associações enxergam como uma grande oportunidade para um futuro melhor. De acordo com Gilson Rodrigues, os presidentes de rua serão o grande legado dessa autogestão pois como já estão estruturados e familiarizados com a população, podem auxiliar na fiscalização sanitária e ajudar a melhorar sua rua, sendo uma das peças chaves para construir uma Paraisópolis melhor, tornar Paraisópolis em tudo aquilo que as associações e líderes almejam, um bairro sem fome, com estrutura e urbanização.

Com relação ao pós, que não é pós e sim um “novo normal”, nós temos um grande legado que são os presidentes de rua que estão organizados. Estes presidentes de rua além para ajuda no controle sanitário podem ajudar a melhorar a sua rua, podem ajudar a lutar pela urbanização, eles podem ajudar a construir essa nova Paraisópolis com que sonhamos, construir essa vida nova! (RODRIGUES, 2020)

Além do legado dos presidentes, Paraisópolis conta atualmente com o programa “Vida Nova, Nova Paraisópolis” que constituem em ações para geração de emprego e aumento da renda local como cozinhas e hortas comunitárias, projetos de costuras e iniciativas de desemprego zero, conjunto de ações com o intuito de combater a desigualdade. Estas ações estruturadas são a forma viva de como a mobilização gera transformação, a palavra-chave desta monografia. Ainda assim com dificuldades no presente, Paraisópolis também pensa em um

futuro diferente e mais igualitário e através de ONG's, associações e voluntários, vão construindo um conjunto de ações em diversas frentes para aos poucos mudar a realidade da favela.

(...) a melhor forma de combater a desigualdade é colocando dinheiro no bolso da população e estamos trabalhando neste contexto de através dos presidentes de rua ajudar a transformar a comunidade para além da crise sanitária, para além da crise econômica que está por vir mas ajudando, apoiando e mantendo essa rede de solidariedade criada agora no COVID-19 que é exemplo para todo mundo. (RODRIGUES, 2020)

Para além dos moradores da periferia, Paraisópolis acredita no poder das ações das universidades dentro da favela em decorrência da mão de obra técnica que podem oferecer auxiliando na criação de soluções de problemas e criação de alternativas quanto à eles, sendo a universidade uma fonte de tecnologia muito importante a ser levada para a comunidade levando em consideração que dentro dessas alternativas e ações que a universidade possa oferecer, a comunidade precisa ser a protagonista. Entretanto, Gilson relata que não sentiu falta apenas do governo nesse processo de gestão, mas também das ações de universidades.

(...) Então acho que a pesquisa, os estágios, a universidade como um todo tem uma tecnologia muito importante que pode ser trazida para a comunidade, o mais importante é que a comunidade seja protagonista porque depois a universidade vai embora e muita coisa fica pela metade (...). (RODRIGUES, 2020)

Essa visão de um futuro melhor segue exatamente para os conceitos trazidos por todos os autores citados nesta monografia, a comunicação comunitária é de suma importância para aqueles que não possuem sua voz legitimada, para as parcelas pobres da sociedade pois é ela que trará a transformação social do contexto em que está inserida transformando os próprios moradores em protagonista da sua própria mudança.

3.7 Conclusões

Residir em uma periferia com certeza não é fácil, existem diversos fatores que atrapalham a qualidade de vida daquele que se encontram morando em uma favela. Paraisópolis é a segunda maior favela da cidade de São Paulo, sendo infelizmente alvo de dezenas de injustiças que buscam silenciar a voz da favela.

No dia primeiro de dezembro de 2019, onde cerca de nove jovens foram cercados pela polícia e durante o baile funk “DZ7” e mortos devido à ação da PM segundo inquérito do Ministério Público, de acordo com matéria publicada no site R7¹⁹ no dia 6 de março de 2020. Local onde a comunidade vizinha como o Morumbi tenta diversas vezes derrubar a favela e/ou se afastar, como logo após a divulgação da construção de um parque em Paraisópolis, os moradores do bairro Morumbi pediu autorização à Prefeitura de São Paulo para a construção de um muro na divisa entre o bairro e o futuro parque de Paraisópolis.

A comunicação comunitária vem como ferramenta para auxiliar na transformação da vida dessas pessoas. A necessidade de conscientizar a população de uma periferia a lutar por sua voz e seus direitos é referente ao papel que essas pessoas podem desenvolver dentro do seu próprio bairro de habitação.

Paraisópolis é um exemplo a ser seguido por todos na autogestão da pandemia e suas iniciativas de mobilização, a forma nua e crua de como a comunicação comunitária tem poder e dá poder aos que utilizam desta ferramenta como também é uma oportunidade de inserção dos relações-públicas neste cenário.

Atuar para ser um caminho para auxiliar na gestão seja na definição de papéis, em estratégias de comunicação dirigida para os moradores a fim de auxiliar no desenvolvimento da problematização e consciência política, seja na organização e captação de recursos, o cenário é de grandes oportunidades para a área de Relações Públicas, oportunidade de fazer parte das mudanças e de um melhor futuro para aqueles que necessitam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de pesquisa tinha como objetivo principal identificar como se dá a dinâmica da comunicação comunitária na favela de Paraisópolis, as ferramentas utilizadas para a realização da comunicação e o papel do Relações Públicas neste contexto através dos atores sociais identificados.

Após meses de estudos e mapeamento para monografia pudemos de fato responder ao problema de pesquisa proposto: De que formas a comunicação comunitária em Paraisópolis atua na construção de uma consciência cidadã e relacionamentos entre seus sujeitos periféricos?

¹⁹Fonte:<https://noticias.r7.com/sao-paulo/pm-de-sp-causou-mortes-em-baile-de-paraipolis-aponta-inquerito-06032020>

Trouxemos com a entrevista e a pesquisa, dados sobre a dinâmica e a potência da comunicação comunitária, verificando que a liderança e a organização da comunidade e o engajamento das pessoas dentro da periferia em questão, resultaram na mobilização de mais de 600 moradores como voluntários.

Através de estratégias de comunicação como o carro de som divulgando a necessidade de voluntários neste processo de gestão da pandemia, pudemos identificar as ferramentas utilizadas para tal: tanto o carro de som, quanto o principal meio de comunicação entre a comunidade e a gestão, o WhatsApp. A presença de redes sociais específicas para a comunidade também é resultado das ferramentas alternativas na qual a população abraçou para desenvolver uma comunicação própria a fim de auxiliar no dia a dia.

Neste cenário os líderes comunitários foram excepcionais na estruturação e planejamento desta enorme engrenagem em funcionamento evitando que pessoas passem fome ou morram por conta da doença que hoje nos atinge. O senhor Gilson Rodrigues foi identificado como a principal figura dentro deste universo, sendo não apenas o representante da população, mas também sendo visto como o próprio “prefeito” da comunidade.

A história que Paraisópolis está escrevendo neste momento tem diversos atores sociais que antes mesmo de atuarem na pandemia, já atuavam no dia a dia da favela no processo ininterrupto de transformação e pudemos conhecê-los, como a Francisca Rodrigues que atua como assessora de imprensa de Gilson articulando um papel importante diante das mídias, tanto que Gilson e Paraisópolis foram capa da revista *Veja*²⁰ em 18 setembro de 2019.

Analisando as entidades que atuam e estão auxiliando dentro da comunidade, não foi surpresa observar que órgãos governamentais estão ausentes nesse processo, sem ao menos desenvolver o mínimo de políticas públicas para a população, não só de Paraisópolis mas todas as outras favelas da cidade de São Paulo. O atual governo do Presidente Jair Bolsonaro se mostrou despreparado para auxiliar e socorrer a população em um momento na qual o apoio e iniciativas seriam essenciais para evitar o desgaste social de todos.

Estudando e conhecendo a comunicação comunitária de Paraisópolis podemos afirmar que três das quatro hipóteses apresentadas no projeto de pesquisa para entender a situação da comunidade realmente fazem sentido:

²⁰Fonte: <https://www.facebook.com/vejasp/photos/o-dono-do-peda%C3%A7o-principal-lideran%C3%A7a-de-para%C3%B3polis-gilson-rodrigues-quer-trans/10157844645398258/>

- A comunicação comunitária em Paraisópolis dissemina informações relevantes para a realidade da população, instruindo também no desenvolvimento de uma consciência cidadã

Os atuais instrumentos e estratégias de comunicação comunitária estabelece uma relação de ajuda e rede de apoio dentro de Paraisópolis, onde a população reconhece seu protagonismo e alimenta estas ferramentas (como Facebook e Instagram) em forma de mobilização para o apoio que a própria comunidade necessita diariamente. Fatores como esse e principalmente o fato da mobilização de 658 presidentes de rua não deixam dúvidas da efetividade da comunicação na favela, auxiliando no desenvolvimento da consciência cidadã nos receptores das mensagens.

- O governo não consegue estabelecer fluxos de comunicação e relacionamento com a comunidade de Paraisópolis

O governo não estabelece fluxos de comunicação e relacionamento, não está presente em uma pandemia e definitivamente não está preocupado em organizar políticas públicas para auxiliar Paraisópolis ou qualquer outra periferia, principalmente na cidade de São Paulo. A carência de ações governamentais é clara, e como visto a autogestão não consegue sanar todas as necessidades. Paraisópolis enfrenta no momento uma dificuldade em captação de recursos e doações, vivendo assim um dia de cada vez e pedindo dinheiro para continuar os trabalhos, e é neste cenário na qual o governo poderia implementar ações de doação e solidariedade. De olhos fechados, o governo permite que a comunidade de Paraisópolis passe dia por dia sem ter noção se receberá cestas básicas ou kits de higiene.

- Paraisópolis conta com ferramentas e estratégias de comunicação comunitária suficientes para sua dinâmica social, incluindo organizações da sociedade civil (OSC's) e empresas privadas

Esta hipótese foi confirmada parcialmente. Há sim ferramentas e estratégias de comunicação comunitária para a dinâmica social, porém necessita de verba para a continuidade do trabalho de mobilização e ajuda das pessoas.

As organizações da sociedade civil estão bem presentes e representadas neste caso através de diversas organizações e projetos que hoje participam ativamente do processo de

gestão como o “Mãos de Maria”, “Costurando Sonhos Brasil”, “Nova Paraisópolis”, “Associação dos Moradores de Paraisópolis”, etc.

Porém, analisando setor privado, de acordo com o Gilson não houve timing o suficiente para que pudessem recorrer às empresas para doações, iniciativas e recursos. Este fator revela o quanto são necessárias ações de responsabilidade social dentro de uma empresa de forma ativa, que além de permitir com que recorram para prestar auxílio, a empresa também possa mapear e ir até quem precisa, como no caso da pandemia.

Apesar das dificuldades impostas pela pandemia, Paraisópolis possui um olhar otimista quanto ao futuro, olhar este que foi e é possível por conta da própria mobilização social, visando um futuro de transformação e visando também ser hoje exemplo, pois atualmente a estrutura de presidentes de rua está presente em quatorze estados brasileiros e mais de trezentas favelas, para que outras periferias tenham sucesso ao realizarem suas iniciativas de gestão levando a população efetivamente à uma posição de cidadão auxiliando o próximo e a si mesmo na transformação da sua própria comunidade.

REFERÊNCIAS

Livros

ALENCAR, Vagner; BELAZI, Bruna. **Cidade do paraíso: Há vida na maior favela de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Edu Primavera Editorial, 2013.

BAHIA, Lilian Mourão. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública**. 1. ed. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

CARVALHO, José Murillo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. 24. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

CÉSAR, Regina Escudero. *Movimentos sociais, comunidade e cidadania*. In: KUNSCH, Margarida M. K. - Waldemar L. **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. cap. 4, p. 78-91.

GRAZZIOLI, Airton; PAES, José E. S.; SANTOS, Marcos H. dos; DE FRANÇA, José Antônio. **Organizações da Sociedade Civil: Associações e Fundações: Constituição, Funcionamento e Remuneração de Dirigentes**. São Paulo: EDUC - Editora da PUCSP, 2016.

HENRIQUES, Márcio S. **Comunicação e Mobilização Social na Prática e Política Comunitária**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Sociedade Civil, multicitadania e comunicação social*. In: KUNSCH, Margarida M. K. - Waldemar L. **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. cap. 3, p. 59-77.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

PERUZZO, Cicilia. *Cidadania, Comunicação e desenvolvimento social*. In: KUNSCH, Margarida M. K. - Waldemar L. **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007. cap. 2, p. 45-58.

RAMOS, Renata F. A. **Juventude da Periferia: Do Estigma ao Modo de Vida**. 1. ed. São Paulo: Editora Appris, 2019.

REIS, Mariana. **Comunicação, Cultura e Mobilização Comunitária**. 1. ed. São Paulo: Appris, 2018.

Artigos

ALMEIDA, Ronaldo de, D' ANDREA, Tiarajú, & DE LUCCA, Daniel. (2008). *Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas*. Novos estudos **CEBRAP**, (82), 109-130. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002008000300006>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BALLET PARAIÓSOPOLIS (São Paulo). *Ballet Paraisópolis em Nova Iorque*. In: Ballet Paraisópolis em Nova Iorque. São Paulo: **Ballet Paraisópolis**, 4 set. 2019. Disponível em: <http://balletparaisopolis.com.br/bfgalanewyorkbp/>. Acesso em: 29 maio 2020.

FACHIN, Patrícia. *Paraisópolis, a história de uma comunidade sitiada* **IHU**, São Paulo, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/paraisopolis-a-historia-de-uma-comunidade-sitiada/>. Acesso em: 8 abr. 2020.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor*. **Revista ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/947/887. Acesso em 29 mai 2020.

Webgrafia

AGÊNCIA ESTADO (São Paulo). *PM de SP causou mortes em baile de Paraisópolis, aponta inquerito*. **Jornal R7**, São Paulo, 6 mar. 2020. São Paulo, p. 1. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/pm-de-sp-causou-mortes-em-baile-de-paraisopolis-aponta-inquerito-06032020>. Acesso em: 28 maio 2020.

BAYER (São Paulo). Responsabilidade Social: Por uma vida melhor. In: *Por uma vida melhor: Reforço Alimentar*. [S. l.]: **Bayer Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bayer.com.br/sustentabilidade/responsabilidade-social/>. Acesso em: 29 maio 2020.

GUIMARÃES, Lígia. *Para moradores de Paraisópolis, vida média é 10 anos mais curta que no vizinho Morumbi*. **BBC News Brasil**. São Paulo, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666702>. Acesso em: 22 maio 2020.

REDAÇÃO RBA (São Paulo). *Ação Comunitária: Paraisópolis tem campanha por alimentos, produtos de higiene e conscientização*. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 2 abr. 2020. Cidadania. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/04/paraisopolis-campanha-alimentos-conscientizacao-coronavirus/>. Acesso em: 13 maio 2020.

SOUZA, Felipe; BARIFOUSE, Rafael. *Paraisópolis: como um loteamento de alto padrão virou a 2ª maior favela de SP*. **BBC Brasil News**, São Paulo, 8 dez. 2019. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50694377>. Acesso em: 14 abr. 2020. IBGE (Brasil). Agência IBGE Notícias. Síntese de Indicadores Sociais. In: NERY, Carmen. *Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos: Número de pessoas na extrema pobreza equivale à população de Cuba e Portugal*. [S. l.]: **Estatísticas Sociais**, 7 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 16 set. 2020.

JORNAL EXAME. *1 em cada 4 brasileiros vive com menos de R\$ 420 por mês, diz IBGE: País atingiu nível recorde da série histórica, iniciada em 2012, de pessoas vivendo em condições de miséria no ano passado, 13,537 milhões de pessoas*. São Paulo: **Redação Exame**, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://exame.com/economia/1-em-cada-4-brasileiros-vive-com-menos-de-r-420-por-mes-diz-ibge/>. Acesso em: 14 out. 2020.

LYSSARDY, Gerardo. *Por que a América Latina é a região mais desigual do planeta*. Nova York, EUA: **BBC News**, 16 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/02/16/america-latina-regiao-desigual.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

WIKIPÉDIA (Brasil). *Lista dos distritos de São Paulo por Índice de Desenvolvimento Humano*. [S. l.]: **Wikipedia Brasil**, 12 set. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_distritos_de_S%C3%A3o_Paulo_por_%C3%8Dndice_de_Developolvimento_Humano. Acesso em: 20 out. 2020.

BERREIRA, Gabriel. *Favelas do Rio somam mais mortes por Covid-19 do que 15 estados do Brasil*. Rio de Janeiro: **G1 GLOBO**, 21 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/21/favelas-do-rio-somam-mais-mortes-por-covid-19-do-que-15-estados-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2020.

IG ÚLTIMO SEGUNDO (Brasil). *Mortes por Covid-19 em Paraisópolis crescem 240% em dois meses*. São Paulo: **IG Último Segundo**, 8 set. 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-09-08/mortes-por-covid-19-em-paraisopolis-crescem-240-em-dois-meses.html>. Acesso em: 7 out. 2020.

VALERY, Gabriel. *Gestão da pandemia no Brasil é desastrosa, acusa epidemiologista da Fiocruz*. Brasil: **Rede Atual Brasil**, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/06/gestao-da-pandemia-no-brasil-e-desastrosa-acusa-epidemiologista-da-fiocruz/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VINAS, Diego; DURAN, Pedro; CARVALHO, Júlia. *Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil*. São Paulo: **CNN Brasil**, 5 jun. 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 16 nov. 2020.

R7 SÃO PAULO (São Paulo). *PM de SP causou mortes em baile de Paraisópolis, aponta inquérito*. São Paulo: **Agência Estado**, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/pm-de-sp-causou-mortes-em-baile-de-paraisopolis-aponta-inquerito-06032020>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PAIVA, Paula. *Moradores do Morumbi pedem permissão à Prefeitura de SP para construção de muro na divisa com futuro Parque Paraisópolis*. São Paulo: **G1 Globo**, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/10/moradores-d-o-morumbi-pedem-permissao-a-prefeitura-de-sp-para-construcao-de-muro-na-divisa-com-futuro-parque-paraisopolis.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2020.

APÊNDICE A – ENTREVISTA GILSON RODRIGUES

24/09/2020 às 14h00

Entrevista online via plataforma Zoom.

Participantes:

Isabella Campos – Aluna e entrevistadora

Marcus Vinícius Bomfim – Professor e orientador do projeto de TCC

Gilson Rodrigues – Head da autogestão de Paraisópolis e entrevistado

1. Bom como o professor (Marcus Bomfim) explicou um pouco, este trabalho de pesquisa está muito voltado para entender a comunicação comunitária dentro de Paraisópolis pois sabemos que em lugares periféricos é muito difícil a grande mídia voltar as suas vozes para o que está acontecendo lá dentro (da periferia). Então seria muito legal entender toda esta dinâmica de comunicação comunitária, os principais desafios... Então decidimos analisar nesse período difícil que é a pandemia, que está sendo para vocês essa autogestão para conseguir entender também o impacto que a comunicação comunitária tem, os impactos positivos dentro dessa situação que estamos vivendo agora. Antes de tudo, estive acompanhando pelos stories e vi que no dia 5 de outubro vocês completam duzentos dias de operação, então gostaria de entender um pouco como que se dá essa dinâmica dessa autogestão comunitária dentro de Paraisópolis desde o começo da pandemia, como é que acontece tudo isso?

R:Paraisópolis é uma comunidade com quase cem anos, vai fazer cem anos no ano que vem (2020). Ela cresceu de forma desordenada e em ausência do Estado, com pouco acesso principalmente no último período com a paralisação das obras de urbanização de políticas públicas efetivas, e diante da situação do COVID-19 nós ficamos em um contexto muito mais vulnerável do que o restante da população de São Paulo. A população de favela em geral ficou mais vulnerável por não conseguir realizar as recomendações que a Organização Mundial da Saúde preconiza. Nós percebemos um Brasil logo no início, lá no mês de março, bastante descrente em relação ao COVID-19 e cada estado, cada prefeitura e o governo federal meio que perdidos sem saber como conduzir o País nessa situação. Uns acreditando, outros não acreditando achando que era só para rico, que era só uma “gripezinha”, mas efetivamente não fazendo nada e quando enfim fizeram alguma coisa, esqueceram que existem quatorze milhões de brasileiros vivendo nas favelas.

E aqui em Paraisópolis nós temos uma organização que é a “União dos Moradores de Paraisópolis”, cujo o papel do presidente as pessoas qualificam como papel de prefeito do bairro, então aqui as pessoas me chamam de prefeito e associam à mim todas as coisas boas e todas as coisas ruins, então se tem um buraco na rua a culpa é do prefeito de Paraisópolis, né? Eu até brinco que quando vem o Governador ou o Prefeito, eles tiram foto, mas comigo quer reclamar. Então tem essa relação muito próxima porque concretamente eu sou a pessoa estou aqui no dia a dia, acompanhando os problemas então a gente custa encontrar soluções diante da ausência de ações do governo, tanto é que eu sempre digo que as pessoas não sonham em morar na favela elas sonham em um bairro, ninguém quer morar em cima do córrego, passar dificuldade, morar em cima da ribanceira... Então a gente tá aqui nesse processo já há um tempo construindo uma nova Paraisópolis que é o programa de urbanização que vai transformar Paraisópolis em um bairro. Até lá eu continuo sendo prefeito, e aí a partir desse desafio e dessa constatação nós percebemos que a associação não teria como fazer o que ela faz de melhor que é a mobilização de pessoas para resolver seus problemas (de Paraisópolis), não poderíamos ter aglomeração, tudo o que nós poderíamos fazer seguindo o modelo que já fazemos iria comprometer o trabalho. Então nós decidimos fazer um mapeamento da comunidade e decidimos ter mais prefeitos, então deveríamos ter mais pessoas que pudesse cuidar da região e aí nós decidimos que deveria ser o número de cinquenta casas, a cada cinquenta casas um morador voluntário que cuidasse de cinquenta famílias para durante o processo de pandemia a gente fazer um processo de comunicação mais rápido sem gerar aglomeração e atender as famílias com suas necessidades, entender como boa parte da população estaria desempregada, passaria por situações de fome então nós teríamos que encaixar alternativas em relação à isso. E assim foi feito. Nós temos hoje passados seis meses desse processo, seiscentos cinquenta e oito presidentes de rua que cuidam cada um de cinquenta famílias e ai a partir dessa organização dos presidentes de rua nós demos três responsabilidades para eles: Primeiro “Conscientizar o morador para ficar em casa”, o que é praticamente impossível em Paraisópolis, ela (comunidade) não parou o território é muito pequeno para um número de pessoas muito grande então as pessoas andam pelas ruas e parece manifestação. A segunda ação foi que o presidente deveria “Distribuir as doações que eventualmente chegassem” como máscara, álcool em gel e cestas básicas porta a porta sem gerar aglomeração. A terceira mais importante “Chamar ambulância quando necessário” e foi a partir do chamado da ambulância que identificamos o primeiro problema... O SAMU não vem em Paraisópolis, então como que poderíamos dar essa responsabilidade se ainda que ele pudesse chamar, nós não teríamos como ser atendidos.

Dependendo do endereço em que você mora a ambulância não chega, essa é uma realidade das comunidades.

Então a partir disso nós decidimos contratar três ambulâncias e uma equipe médica que fica 24 horas para atender a população e ao longo desse período tivemos quase dez mil chamados aqui, então acabou virando um serviço próprio de emergência e óbvio que essas dez mil chamadas não foram só de COVID-19 mas acabou que a população utiliza essas ambulâncias para tudo e ela está com disposição para atender o processo de pandemia. A partir dessa solução nós decidimos criar três iniciativas por áreas, então a primeira foi da área da saúde entendendo que era mais urgente nessa situação e a outra situação mais grave que identificamos era de que a população não conseguiria fazer o isolamento tendo em vista que o isolamento seria a melhor forma de não proliferar o vírus. Então nós decidimos ocupar duas escolas estaduais, transformá-las em residências e abrigar as pessoas testadas positivas nessas escolas evitando que elas contaminassem a sua família, seus parentes, seus vizinhos.... Então isso aconteceu. Conseguimos isolar mais de 50% da população testada positiva nas unidades básicas de saúde, nas nossas casas de acolhimento até o dia 15 de agosto, então foi uma ação bastante importante. Depois nós decidimos formar brigadistas, socorristas, montar bases de emergência com equipamentos como pranchas e UPI's para que se a população precisasse. Criamos o projeto de telemedicina e criamos um programa de prevenção através da distribuição de máscaras, distribuimos duzentos e setenta mil máscaras na comunidade através do projeto "Costurando Sonhos Brasil" e aí fechamos um ciclo de saúde com 6 iniciativas: Contratação das ambulâncias, casas de acolhimento, formação de brigadistas, bases de emergência, telemedicina e a produção de máscaras do "Costurando Sonhos Brasil".

Então começamos a identificar que tinha uma carência ligada à questão social que nós decidimos fortalecer a imunidade das pessoas, principalmente de umas regiões muito específicas, são as regiões em que as pessoas vivem em cima do córrego ou que estão mais vulneráveis ligados à álcool e outras drogas... Então decidimos convocar "Mãos de Maria", que é um grupo de mulheres que trabalha a área de empregabilidade, formação ligada à empreendedorismo através de comidas brasileiras e doces e salgados, e elas começaram a produzir marmitas. Chegamos em um pico de dez mil marmitas por dia e elas já distribuíram quase novecentos mil marmitas até agora e continuamos distribuindo as marmitas, são cinco mil marmitas por dia hoje que são distribuídas, porque diminuiu as doações então estamos com mais dificuldades de fazer essas marmitas funcionarem. A gente então priorizou a entrega dessas marmitas inicialmente nas áreas mais carentes, onde a gente percebia que a população estava mais fraca e a gente fortalece a imunidade. Além disso, fizemos um trabalho de

distribuição de mais de sessenta mil cestas básicas que são distribuídas através dos presidentes de rua. E aí fizemos o último bloco que foi na área econômica onde fizemos um processo de estímulo no comércio local, Paraisópolis tem quatorze mil pontos comerciais, 21% da população que trabalha, trabalha aqui. Então nós decidimos garantir que a população pudesse continuar consumindo da comunidade e que os produtos que fossem doados, os recursos que fossem doados durante esse processo fossem comprados produtos direto da comunidade, fizemos uma injeção de três milhões de reais no comércio local através das cestas básicas, de álcool em gel, de remédios e tudo o que foi feito principalmente através de um cartão refeição onde as pessoas podiam ir no comércio e comprar diretamente.

Então o processo foi organizar a população através dos presidentes de rua a cada cinquenta famílias um voluntário, três frentes de atuação, doze iniciativas para apoiar a população nesse momento.

2. Você estando à frente dessas ações, você sendo a figura a frente de Paraisópolis, a gente sabe que a administração de uma favela não é fácil porque realmente faltam recursos... Quais foram os principais desafios encontrados? Para estes desafios quais as ações? Vocês ainda enfrentam muitos desafios?

R: O principal desafio foi ganhar a saúde, vencer a saúde, porque nós começamos o trabalho e era um trabalho especificamente pela área médica e nós não somos médicos, nós não somos enfermeiros, não trabalhamos nas unidades... Era uma coisa muito nova, mas foi muito desespero! Então quando começamos a iniciar as pessoas da saúde nos desaconselharam a fazer, a ficar em casa, que nós não tínhamos que estar fazendo isso, que era papel deles fazer... Mas nós percebemos que a saúde estava muito comprometida nesse momento, as agências das áreas de saúde foram praticamente trabalhar internamente quando o COVID-19 surgiu porque as pessoas tinham medo de se contaminar. Nós percebemos também que o conjunto das ações seja na cidade ou no Brasil está totalmente perdida, não sabiam o que fazer tendo a população meio como “cobaia”. Então hora fechava a avenida, outrora colocava rodízio, a quarentena era inteligente.... então a gente percebia esse movimento de que era necessário a comunidade se organizar para se auto ajudar e apoiar essas iniciativas que poderiam ocorrer das unidades básicas de saúde. Então nosso desafio foi isso, convencer as pessoas que era possível fazer e de que a comunidade realizando, nós teríamos mais chances de realizar porque nós nas casa de acolhimento era praticamente um hospital, não era um hospital formal mas montamos quinhentos e vinte leitos, nós contratamos enfermeiros, cuidadores... É uma estrutura muito grande e nós conseguimos movimentar doze iniciativas em trinta e dois dias. Foi muito mais

rápido do que o governo porque teve um processo grande de mobilização. As pessoas só começaram a acreditar efetivamente e nos dar crédito, daí quando veio a repercussão (na mídia), quando a gente conseguiu fazer. Até a gente conseguir fazer era tudo muito mais difícil e óbvio que a questão financeira ela vem muito forte e neste momento está mais forte ainda porque as pessoas estão voltando para “um novo normal”, só que o nosso “novo normal” é uma anormalidade ainda agravada devido à fome e ao desemprego então recursos também é um problema neste momento, mas à medida que a gente foi divulgando e foi pedindo para os amigos, que foi organizando, nós conseguimos ter a ajuda necessária.

3. Aproveitando esse tema de captação de recursos, sabemos que captação é algo um pouco difícil também! Como a captação de recursos para as ações em Paraisópolis aconteceu? Como aconteceu a divulgação? Vocês falaram com empresas, as empresas chegaram até vocês?

R: Olha a nossa ação de levantamento de recursos ela se dá principalmente através de pessoas. Nós não temos grandes empresas patrocinando ou apoiando as nossas causas, até porque quando começou o movimento de COVID-19 em que as empresas começaram a captação nós estávamos muito preocupados em organizar o trabalho porque nós achávamos que a situação seria tão grave que a pouco teria caminhões, cestas básicas e dinheiro mas não teria como chegar nas favelas... Então se nós não tivéssemos organizado talvez o caminhão chegasse aqui e ele poderia ser saqueado, estávamos sempre nos preparando para o pior. Então a gente de certa forma perdemos um pouco o timing das empresas porque estávamos organizando os presidentes de rua, organizando o processo todo e quando a gente decidiu sair estava todo mundo com o dinheiro na mão para fazer e não tinha o que fazer, e nós tínhamos um modelo de gestão já organizado. E começamos a mobilizar as pessoas, nós começamos a mandar muita coisa pelas redes sociais, amigos no WhatsApp e foi assim que a gente conseguiu o envolvimento de mais de oito mil pessoas que ajudaram a gente até agora.

4. Em geral, que órgãos do Estado e do governo tem colaborado com a comunidade, se é que tem colaborado? Qual a avaliação de vocês sobre a ação governamental no combate à pandemia dentro de Paraisópolis?

R: Paraisópolis viveu de 2008 até mais ou menos 2015 um grande problema de urbanização que estava sonhando em transformar Paraisópolis em um bairro. Esse programa se deu e muitas coisas aqui que foram construídas de equipamentos públicos ao longo dos anos foram nunca tiveram. Então a gente construiu unidades básicas de saúde, construímos moradias, ruas, escolas... Foi uma ação importante e o governo está presente nestas iniciativas, mas durante o processo de COVID-19 não houve presença do governo aqui, durante o processo de COVID-

19 as unidades de saúde estão aqui e estão atuando e isso é considerado governo, mas nós não percebemos uma ação efetiva de prevenção ou uma política pública se quer para comunicar a população sobre o assunto pois a população acreditou que é uma doença só para ricos, ela acreditou que era uma gripe leve, ela acreditou que não seria contaminada e não iriam morrer. Então nós fomos induzidos o tempo todo ao erro mesmo agora com esse “novo normal” as pessoas acham que está tudo normal como se a cura fosse descoberta já. A realidade é que agora pode haver uma situação que as pessoas se contaminem cada vez mais. Então o governo tem feito muito pouco, como eu já disse tem feito a população de cobaia, está faltando lideranças no Brasil pra ajudar a gente a conduzir essa crise e não é à toa que nós temos 1.000 pessoas morrendo por dia no Brasil, então é um desafio poder vencer esse obstáculo. A realidade é a que vocês estão vendo aqui atrás (mural com foto da favela), são casas muito próximas umas às outras, aglomerada, residências pequenas com famílias grandes, está faltando água pois as famílias moram em cima do córrego então não criaram essas soluções. O “novo normal” que se prega continua sendo uma anormalidade pois o SAMU continua não vindo até aqui, então o que o governo efetivamente fez? Nada. Quer fazer discurso, dá entrevista todos os dias na televisão e as ações concretas não acontecem.

5. Falando em conscientização, você relatou que houve dificuldade em conscientizar a população tanto sobre o COVID-19 quanto a necessidade dessa rede de apoio. Como se deu esse processo de conscientização?

R: A gente teve dificuldade em vencer a saúde no que diz respeito aos equipamentos de saúde, aos médicos, ao governo. As pessoas que poderiam ajudar demoraram para entender o processo de participação que a comunidade estava organizando. A comunidade teve o processo de conscientização através de carros de som, através de redes sociais, através dos presidentes de rua que foi bastante efetiva. Então a comunidade aderiu a esse programa principalmente porque quem estava falando era o seu vizinho, eram os amigos, eram os parentes, são pessoas próximas. Então a gente falou assim: “O presidente de rua tem que encontrar de um lado 25 famílias e do outro mais 25 famílias”. Ele está no meio dessas famílias então são pessoas muito próximas que ouviram essa pessoa e funcionou, a gente inclusive começou a fazer um processo de distribuição de cestas básicas com entrega de porta em porta para garantir que as pessoas não tivessem que sair, sendo assim foi uma ação que nós conseguimos ter resultados! Agora que tem o “novo normal” nós percebemos um aumento de casos aqui em Paraisópolis, mas isso é reflexo da diminuição de apoio para nosso trabalho... Temos feito a nossa parte e o governo precisa fazer a parte dele, mas a gente percebeu um engajamento da comunidade e um processo de mudança de comportamento, então a gente sabe que as pessoas não conseguem ficar em casa, que as

peessoas circulam e muitas precisam ir trabalhar mas percebemos que as pessoas estão usando máscaras, a gente percebe que os idosos estão saindo menos. Então a gente conseguiu dentro das nossas limitações realizar um trabalho de conscientização importante e um engajamento da comunidade.

6. Acompanhando também as redes sociais de vocês, pude perceber que há muito envolvimento do G10 nesse processo. Qual o papel da G10 dentro dessa mobilização social?

R: O G10 das favelas é o bloco de líderes e empreendedores sociais das dez maiores favelas do Brasil que em 2019 faturaram sete bilhões de reais, mostrando efetivamente a favela como potente, como geradora de empregos e oportunidades e que quer empreender, 40% da população de favela sonham em empreender. Então o G10 das favelas nasce nesse contexto para ajudar as favelas a serem agentes da sua própria transformação. O G10 nasce em Paraisópolis e hoje estamos articulando o Brasil inteiro, tínhamos em 2020 um ano espetacular com as favelas com criação de fundos, com criação de projetos e negócios sociais e aí veio o COVID-19, e com essa estrutura já organizada o G10 passou a mobilizar recursos e estruturas para transformar os negócios em negócios sociais para ajudar as pessoas na pandemia e articular recursos para financiar as ações nas favelas. Então atrás do G10 nós temos articulado o conjunto de recursos que tem viabilizado as iniciativas nas comunidades não só em Paraisópolis, mas no Brasil inteiro. O modelo de presidentes de rua hoje está em quatorze estados e mais de trezentas comunidades no Brasil.

7. Nesse cenário de recursos, de captação você relatou que agora está tendo uma queda na captação de recursos. Como vocês estão lidando com essa queda? E para onde ir com esses aprendizados pós pandemia? O que vocês pretendem levar para a população como aprendizado quando a pandemia acabar?

R: Com relação à recursos nós estamos vivendo um dia por vez. A gente está aqui se articulando bastante e todos os dias pedindo, está dando vergonha já de tanto pedir, mas não temos opção. Ou pede ou para o trabalho, então nós vamos pedir. Eu falei ontem para o pessoal da nossa equipe que se necessário nós vamos até fazer pedágio nos faróis para garantir as doações, e faremos isso se necessário.

Com relação ao pós, que não é pós e sim um “novo normal”, nós temos um grande legado que são os presidentes de rua que estão organizados. Estes presidentes de rua além para ajuda no controle sanitário podem ajudar a melhorar a sua rua, podem ajudar a lutar pela urbanização, eles podem ajudar a construir essa nova Paraisópolis com que sonhamos, construir essa vida

nova! Então nós vamos nos voltar nesse sentido, mas para além disso nós possuímos um programa chamado “Vida Nova, Nova Paraisópolis” que é um conjunto de iniciativas voltadas para a geração de trabalho e renda que lançamos agora na Semana de Paraisópolis como cozinhas comunitárias, hortas comunitárias, projeto de costuras, programa de desemprego zero, um conjunto de iniciativas para que a gente possa combater a desigualdade e a melhor forma de combater a desigualdade é colocando dinheiro no bolso da população e estamos trabalhando neste contexto de através dos presidentes de rua ajudar a transformar a comunidade para além da crise sanitária, para além da crise econômica que está por vir mas ajudando, apoiando e mantendo essa rede de solidariedade criada agora no COVID-19 que é exemplo para todo mundo.

8. Quando tratamos de universidades seja pública ou privada, de que formas você acha que as universidades podem ajudar a comunidade de Paraisópolis?

R: Eu acredito que as universidades podem ajudar muito as favelas do Brasil inteiro à medida que tem uma mão de obra técnica, especialistas que podem ajudar a gente a criar soluções, ajudar a pensar nos problemas e criar alternativas com relação a eles. Então acho que a pesquisa, os estágios, a universidade como um todo tem uma tecnologia muito importante que pode se trazida para a comunidade, o mais importante é que a comunidade seja protagonista porque depois a universidade vai embora e muita coisa fica pela metade porque existe muito ego, a vaidade de quem é o dono, de quem é que faz e no final as vezes as coisas ficam pela metade. Então o G10 por exemplo, preconiza de que não pode haver atravessadores, a liderança é o agente transformador lá e nós temos que pegar todas as forças e colocar nessa liderança para que ela possa executar todas as mudanças. Eu concretamente senti muita falta de algumas universidades nesse processo, que ficou em casa no seu home office e mesmo no seu home office, usando máscaras poderiam ter falado, poderiam ter ajudado bastante. Eu vejo até universidades nesse momento lançando cursos de controle de combate, de enfrentamento ao COVID-19 e eu falo “cara, mas eles não estão fazendo nada” então virou negócios também. Isso é um problema, porque na prática foram poucas as instituições de educação que efetivamente deram o exemplo.

9. Quais as ferramentas que vocês usam para orientar os presidentes? E qual a ferramenta que você considera que mais dá certo nesse processo de comunicação, neste diálogo com os presidentes?

R: A principal ferramenta é o próprio Whatsapp. Nós temos as famílias sendo monitoradas pelos presidentes de rua através de grupos do Whatsapp, então 658 grupos e cada presidente de um grupo de 50 famílias e sempre que a família apresenta algum problema ela pode acionar o

presidente de rua, que nos aciona. Também falamos com a comunidade em geral através de carros de som, temos uma rádio comunitária e um jornal comunitário. Fazemos também algumas lives e quando necessário reuniões presenciais.

10. Falando sobre redes sociais, elas ajudaram nesse cenário? Divulgação em grupos de Facebook, a divulgação em Instagram. Como que foi o papel das redes sociais dentro de toda a gestão da pandemia?

R: As redes sociais foram fundamentais principalmente para nós o Facebook para facilitar o processo de comunicação e de mobilização. Os primeiros presidentes de rua foram mobilizados através do Facebook, a gente fez a primeira reunião dia 19 de março e nós tínhamos ali por volta de vinte presidentes de rua que atenderam a convocação e pra gente foi muito importante, chegamos a seiscentos e cinquenta e oito mas quando chegamos em vinte achávamos um máximo tem vinte presidentes de rua só ali através da chamada pela internet. Então agora ainda mais com a rede social está muito mais fácil, principalmente com o Facebook fazendo chegar rápido a informação, neste momento as pessoas estão mais conectadas à internet, então fomos obrigados de alguma forma a nos digitalizarmos muito mais seja utilizando mais aplicativos, seja dando mais acesso à internet apesar de que nas favelas tem mais dificuldade para uma banda larga boa mas essas ações tem sido fundamentais. Apesar disso, aumenta as fake News, aumentou muito as fake News aqui na comunidade por conta do acesso maior da população mas é o preço que se paga e vamos trabalhando para conscientizar a população a não cair em armadilhas.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS PRESIDENTES DE RUA

Pesquisa - Presidentes de Rua

Olá, tudo bem?

Esta pequena pesquisa faz parte de um trabalho acadêmico onde visamos analisar a comunicação comunitária e seu impacto em Paraisópolis durante esta pandemia do COVID-19. Fique à vontade e muito obrigada!

*Obrigatório

Quem são os Presidentes de Rua? :)

Neste primeiro momento, me fale um pouco sobre você!

1. Você é um Presidente de Rua de Paraisópolis? *

Marcar apenas um.

Sim

Não

2. Com qual gênero você se identifica? *

Uma breve explicação para quando falamos: 1 - Homem Cis gênero (Nasci como sexo masculino e me identifico como homem) | 2 - Mulher Cis Gênero (Nasci como sexo feminino e me identifico como mulher) | 3 - Homem Trans (Nasci como sexo feminino e me identifico como homem) | 4 - Mulher Trans (Nasci como sexo masculino e me identifico como mulher) | 5 - Não Binário (Não me identifico com ambos os gêneros)

Marcar apenas um.

Homem Cis Gênero

Mulher Cis Gênero

Homem Trans

Mulher Trans

Não Binário

Prefiro não dizer

3. Com qual cor você se identifica? *

Marcar apenas um.

Branco (a)

Preto (a)

Indígena

Amarelo (a)

Prefiro não declarar

4. Você mora em Paraisópolis? *

Marcar apenas um.

Sim

Não

5. Você nasceu em Paraisópolis? *

Marcar apenas um.

Sim

Não

6. Caso você não tenha nascido em Paraisópolis, de onde você veio? *

(Campo Aberto)

7. Qual a sua idade? *

Marcar apenas um.

De 15 a 20 anos

De 21 a 30 anos

De 31 a 40 anos

De 41 a 50 anos

De 51 a 60 anos

Acima de 60 anos

8. Você atualmente está trabalhando? *

Marcar apenas um.

Sim

Não

9. Você é autônomo? *

Marcar apenas um.

Sim

Não

10. Qual a sua escolaridade?

Marcar apenas um.

Analfabeto (a)

Ensino Fundamental Incompleto Ensino

Fundamental Completo Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Mestrado

Doutorado

11. Como você ficou sabendo dos Presidentes de Rua?

Marcar apenas um.

indicação de amigos e vizinhos

Vi na televisão/rádio aberta

Vi na rádio/jornal comunitário

Carro de som nas ruas do bairro

12. Qual foi a sua motivação para virar um Presidente de Rua?

(Campo aberto)

13. Qual o seu papel como Presidente de Rua?

Marque todas que se aplicam.

Conscientização do morador para que fique em casa

Solicitar ambulâncias quando necessário

Auxiliar os moradores em relação a dúvidas

Realizar visitas rotineiras às famílias

Auxiliar na coleta de recursos (doações)

Distribuição de doações para as famílias sob minha responsabilidade

Todas as opções acima

14. Você sente que neste período de Pandemia, há uma ajuda dos órgãos governamentais?

Marque apenas um.

Sim

Não

15. Como você e outros Presidentes de Rua se comunicam?

Marque todas que se aplicam.

Whatsapp

Reuniões na rua

Reuniões na Associação

E-mail

Telefone

Rede Social (Facebook, Instagram, etc.)

Todas as opções acima

16. A população local costuma procurar você para quais situações?

Marque todas que se aplicam.

Orientar sobre cuidados de higiene e uso de máscara

Ajudar na distribuição de cestas básicas

Orientar sobre oportunidades de trabalho

Alertar sobre moradores doentes

Alertar sobre necessidade de doações

Todas as opções acima

17. Em sua perspectiva, de 0 a 5, quanto está sendo a colaboração e participação dos moradores neste cenário?

Pouco 0 1 2 3 4 5 Muito

18. Em sua opinião, quem mais tem oferecido ajuda para a comunidade de Paraisópolis

combater a pandemia?

Marque todas que se aplicam.

Prefeitura de São Paulo

Governo do Estado

Governo Federal

Empresas

Comerciantes locais

A própria comunidade

Pessoas de fora da comunidade

Entidades do bairro

Religião (católica, evangélica, espírita, candomblé, etc.)

Grande mídia

Mídia do bairro

19. Em sua perspectiva, quais são as atuais dificuldades para um Presidente de Rua?

(Campo aberto)

20. Como ocorreu a divulgação dos Presidentes de Rua para a população?

Marque todas que se aplicam.

Instagram

Grupo ou página de Facebook

Whatsapp

Reunião com a população local

Rádio/jornal local

Sites

Convite de amigo

Outros

21. Se sua resposta anterior foi "OUTROS", qual foi o meio de divulgação?

(Campo aberto)

22. Como você mantém contato com a população além do atendimento presencial? Marque todas que se aplicam.

Whatsapp

Facebook

SMS

Ligação

Reunião de Rua

Reunião na Associação

Outros

23. Se sua resposta anterior foi "OUTROS", qual o meio de comunicação que você utiliza com a população?

(Campo aberto)

24. Em relação ao COVID-19, como ocorreu a conscientização da população? Houve auxílio de redes sociais como Facebook, Instagram, Whatsapp, etc.?

(Campo aberto)

25. De 0 a 5, houve um aumento da aderência da população ao isolamento por conta dessa conscientização feita em Paraisópolis através destes instrumentos de comunicação?

Pouco 0 1 2 3 4 5 Muito

26. Em sua perspectiva, quais os meios de comunicação que mais auxiliam/auxiliaram na autogestão e no trabalho dos Presidentes de Rua?

Marque todas que se aplicam.

Envio de mensagens no Whatsapp

Postagens no Facebook

Postagens no Instagram

Ligar para as pessoas e conversar

Fazer pequenas reuniões na rua das pessoas

Fazer reuniões maiores na Associação

Conversar com as pessoas na porta de casa

Imprimir e entregar folhetos com avisos e alertas

Mandar mensagens na rádio/jornal comunitário

Utilizar um carro de som para espalhar as mensagens

Outros

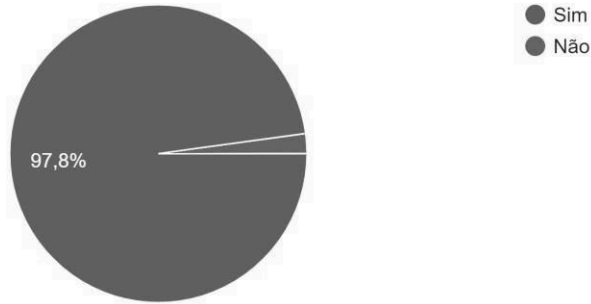
27. Há pessoas específicas para realizar essa comunicação com a população? Caso a resposta seja sim, quem?

(Campo aberto)

APÊNDICE C – RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PRESIDENTES DE RUA

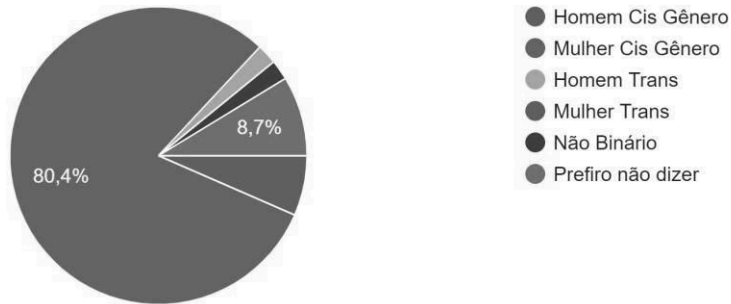
Você é um Presidente de Rua de Paraisópolis?

46 respostas



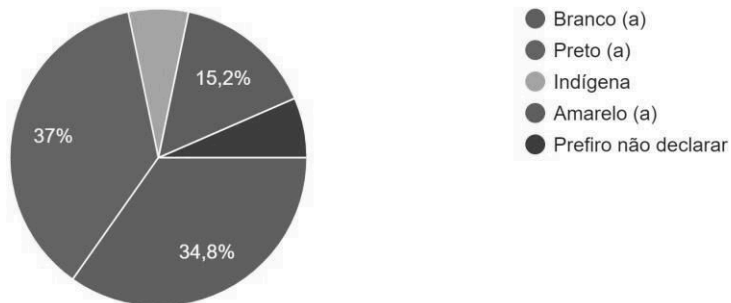
Com qual gênero você se identifica?

46 respostas



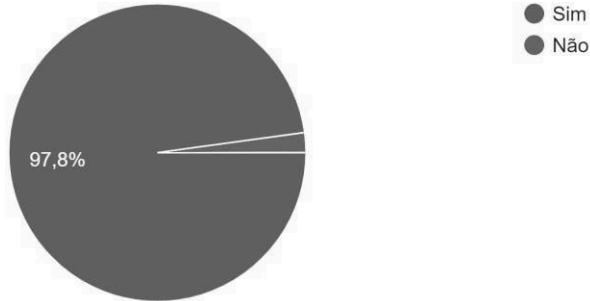
Com qual cor você se identifica?

46 respostas



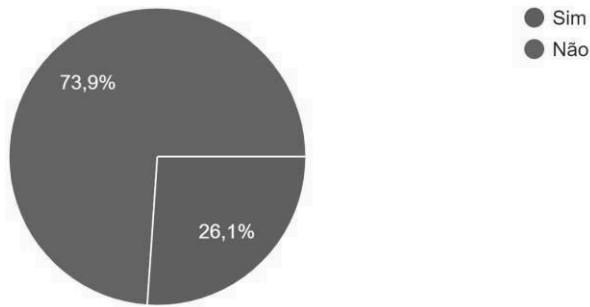
Você mora em Paraisópolis?

46 respostas



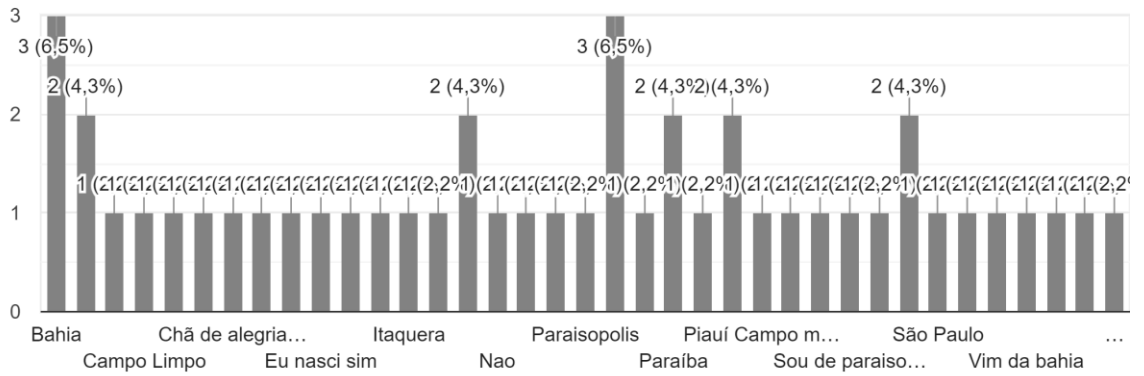
Você nasceu em Paraisópolis?

46 respostas



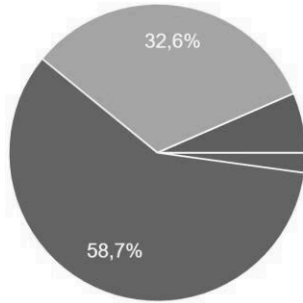
Caso você não tenha nascido em Paraisópolis, de onde você veio?

46 respostas



Qual a sua idade?

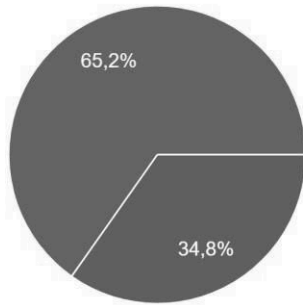
46 respostas



- De 15 a 20 anos
- De 21 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- De 41 a 50 anos
- De 51 a 60 anos
- Acima de 60 anos

Você atualmente está trabalhando?

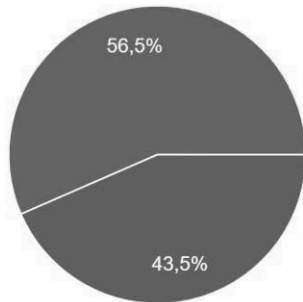
46 respostas



- Sim
- Não

Você é autônomo?

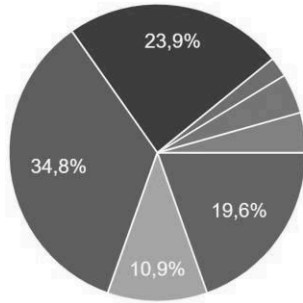
46 respostas



- Sim
- Não

Qual a sua escolaridade?

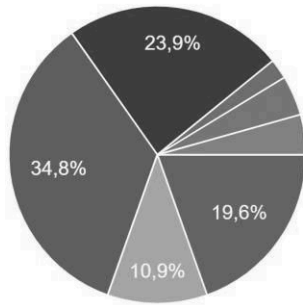
46 respostas



- Analfabeto (a)
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Mestrado
- Doutorado

Qual a sua escolaridade?

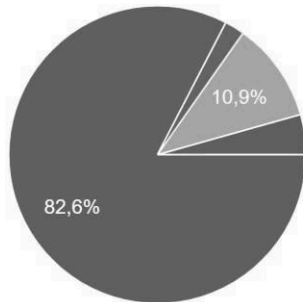
46 respostas



- Analfabeto (a)
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Mestrado
- Doutorado

Como você ficou sabendo dos Presidentes de Rua?

46 respostas



- Indicação de amigos e vizinhos
- Vi na televisão/rádio aberta
- Vi na rádio/jornal comunitário
- Carro de som nas ruas do bairro

Qual foi a sua motivação para virar um Presidente de Rua?

46 respostas

Ajudar o próximo

Ajudar o próximo

Ajudar o próximo

Ajudar

Ajudar

solidariedade

Quando eu podia ajudava as pessoas ai venho esta oportunidade de ser presidente de rua

ajudar as familias necessitada da comunidade vi a oportunidade d mudar isso sendo um presidente d rua

Pra ajuda o próximo eu também

Ajudar as famílias que precisam

E uma grandeza em pode ajudá ao próximo

Por amor ao próximo

Ajudar o próximo pra ter pelo menos terem o básico pra comerem , pena que não saiu como desejado .

Melhorar o atendimento as pessoas que precisam de ajuda com relação a alimentos, utensílios de higiene pessoal, e dar atenção a quem precisa

Ajudar as pessoas q eu conheço

Sempre gostei de ajuda o próximo

Ajudar a população

Ajudar as pessoas

Me sentir útil no mundo . Parte de algo maior que eu .

Em poder ajudar o próximo em meio o que estamos vivendo,e mostrar a todos que com amor e solidariedade vencemos tudo.

Quando me deparei com a realidade que realmente as pessoas estava necessitando de um apoio e não tinha .

Vendo a necessidade das pessoas

Eu amo fazer trabalho voluntário.

Pedido de uma vizinha

Ajudar o PRÓXIMO nesse momento difícil.

Ajudar eu e meus vizinhos q estavam desamparados

Só de está ajudando um ao outro me sinto satisfeita, de está dando uma mão de gratidão 🙏

Bondade

Poder ajudar o próximo nessa pandemia

Em poder ajudar quem realmente precisa

Ajuda a população

ajuda as pessoas

Ajudar ao próximo

Ajudar ao próximo.

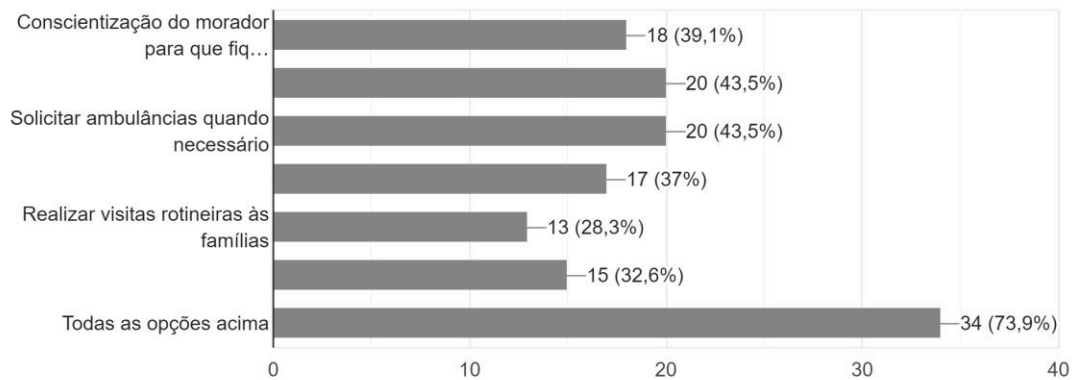
Ajudar minha comunidade ,e tentar agilizar pois são muitas pessoas que presizar e poucas que ajudam

Ajuda as senhoras de idade e as pessoas que mais precisa...

Poder contribuir e ajudar o proximo

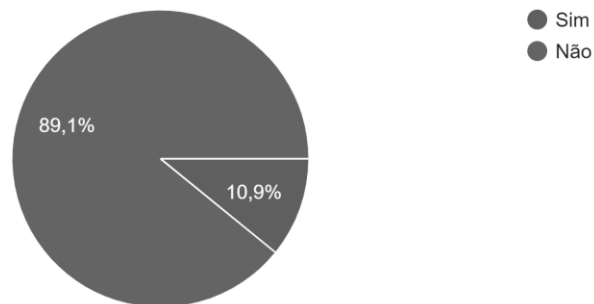
Qual o seu papel como Presidente de Rua?

46 respostas



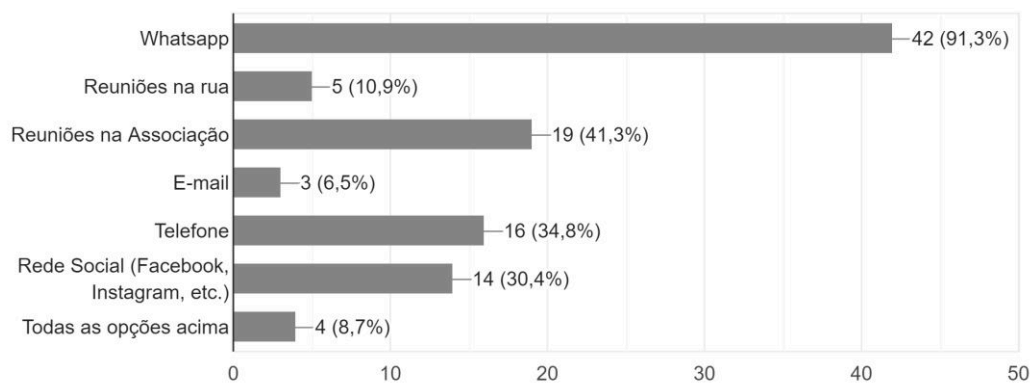
Você sente que neste período de Pandemia, há uma ajuda dos órgãos governamentais?

46 respostas



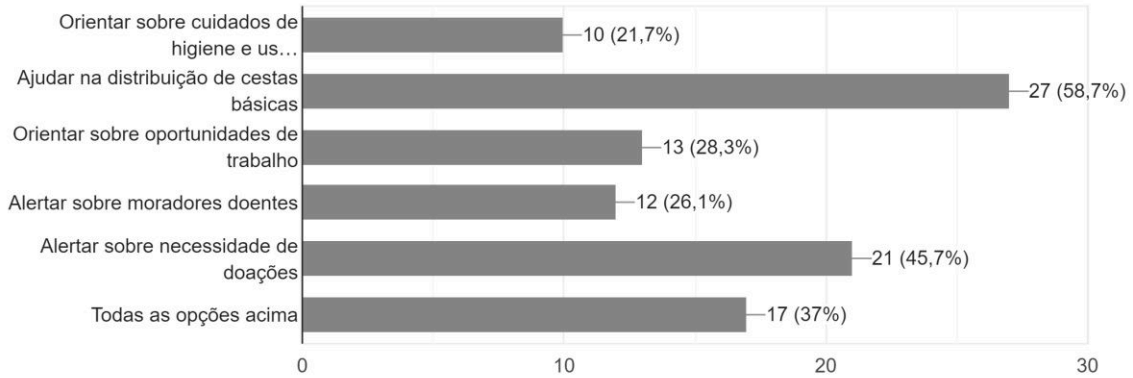
Como você e outros Presidentes de Rua se comunicam?

46 respostas



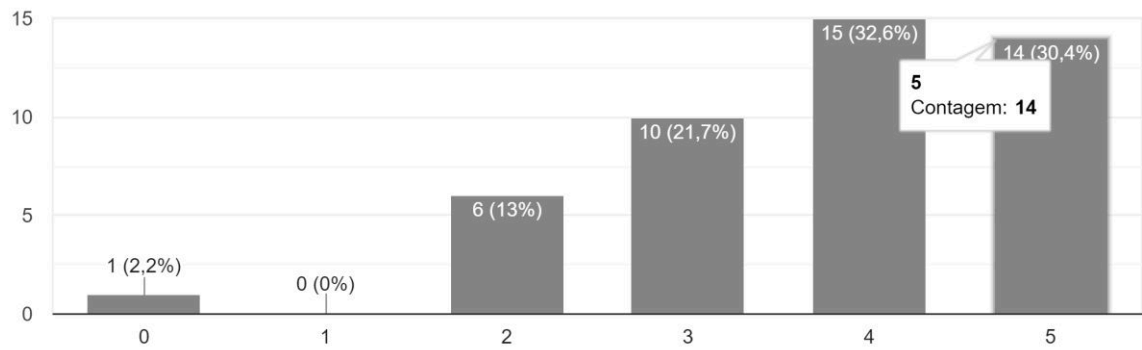
A população local costuma procurar você para quais situações?

46 respostas



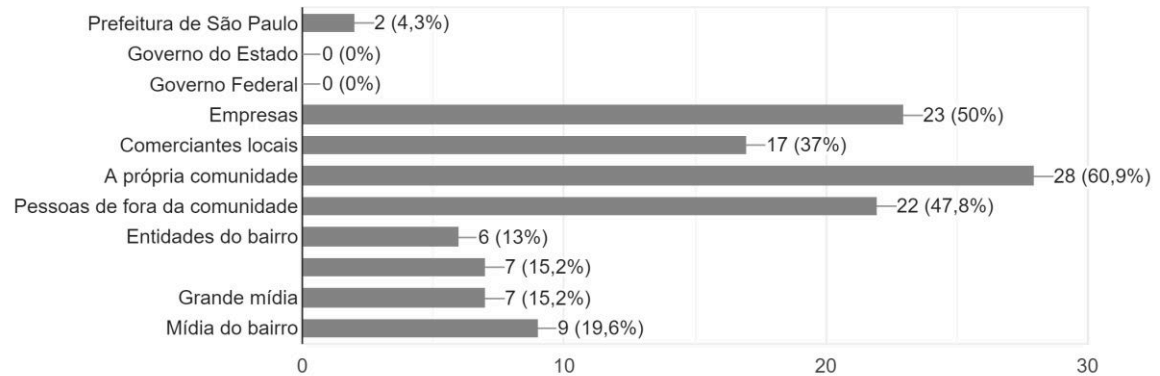
Em sua perspectiva, de 0 a 5, quanto está sendo a colaboração e participação dos moradores neste cenário?

46 respostas



Em sua opinião, quem mais tem oferecido ajuda para a comunidade de Paraisópolis combater a pandemia?

46 respostas



Em sua perspectiva, quais são as atuais dificuldades para um Presidente de Rua?

46 respostas

Ser cobrado por tudo e muita das vêzes temos que espera por vcs primeiri

em dar suporte direto aos moradores

A por não poder ajudar quando eles vem na minha casa dói no coração

minha maior dificuldade e atender cm mas doacoes as minhas familias cadastradas

Porq é muita cobrança em cima da gente

Ficar de frente sendo presidente, querendo ou não é muita responsabilidade
As vezes tem moradores que não compreendem que não chegou doações

E muita cobrança pelas partes dos moradores

Muita gente pra ser atendido

Receber diariamente ainda . pessoas me mandando mensaem me cobrando cesta básica por terem

Muita cobrança

Mais consideração com nosso trabalho

Passa as informações pra todo mundo

A cobrança das pessoas sobre as doações

No momento nenhuma.

Muita cobrança da comunidade sobre doação .

A cobranças das pessoas

As dificuldade é só um pouco na demora da entrega da cesta, mas entendo que dependemos mos de doações. Fora isso tá rua nas melhores condições

Muitas,pois somos muito julgados aos olhos da comunidade

As reclamações

Explicar as famílias que precisamos de doadores para poder ajudá-los a suprir a necessidades básicas que o governo não cumpre .

No momento não vejo dificuldades as vezes me sinto triste,pois muitas da famílias não nós entende e nos trata mal,xinga,mais isso me fortalece mais e mais,me firmo forte pois sei que estou no caminho certo que é ajudar o rooximo.

Lidar com algumas famílias por falta de compreensão

A compreensão dos moradores

O povo ficar julgado

Lidar com as famílias que o enterese maior e receber doações.

As vezes nao conseguiu resolver o problema

Maior soluções em suas duvidas e claresa nas informações dadas, poia são muitas conversas desencontradas.

A falta de compreensão dos moradores por causa da demora das doações

Não poder ajuda todos as pessoas que precisam.

Colaboração dos moradores.

São tantas

Até agora nenhuma

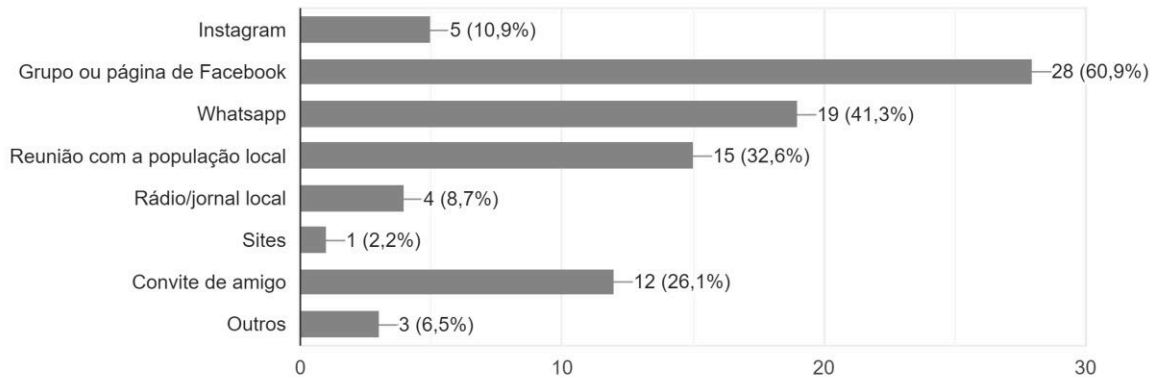
As dificuldades em receber doações pra repassar e o risco de pegar covid

Muita cobrança e responsabilidade

- Tem muita familia que não entendi ajene e quer tudo do jeito deles
- As ameaças
- desconheço
- Não ter doações para todos apenas 15 das minhas 50 famílias receberam cartão
- Cobranças de sextas básica
- Moradores incompreensível
- Ir atrás de doação e não ter pra ajuda suas 50 famílias
- Ajuda o próximo
- As cobranças

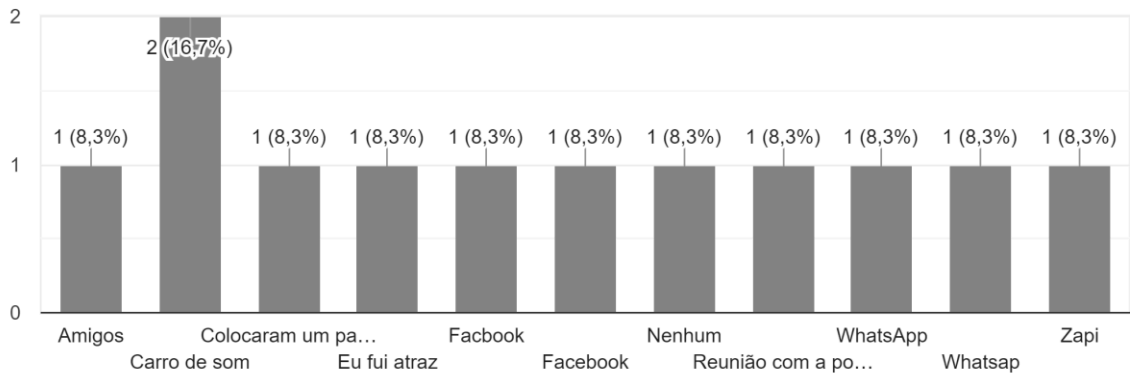
Como ocorreu a divulgação dos Presidentes de Rua para a população?

46 respostas



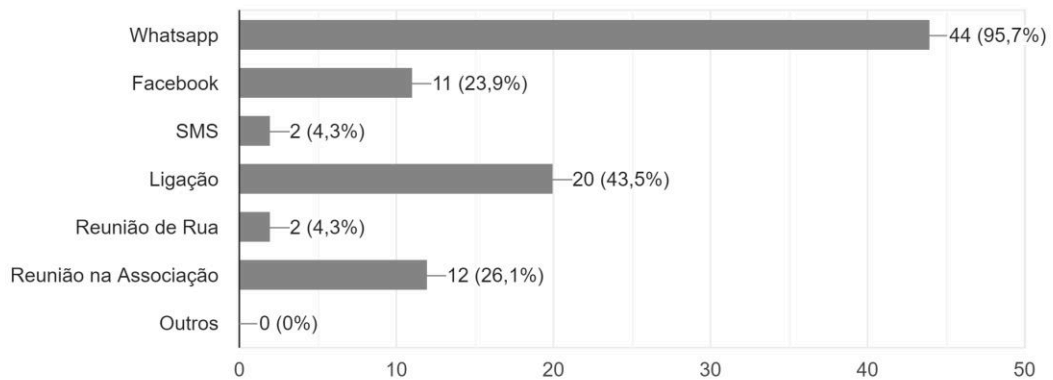
Se sua resposta anterior foi "OUTROS", qual foi o meio de divulgação?

12 respostas



Como você mantém contato com a população além do atendimento presencial?

46 respostas



Se sua resposta anterior foi "OUTROS", qual o meio de comunicação que você utiliza com a população?

11 respostas

| |
|----------|
| Wats |
| Wharsapp |
| Whatsapp |
| Nenhuma |
| WhatsApp |
| Ligação |
| Whatsapp |
| Zapp |
| Zap |
| Zap |
| Zap |
| Zapi |
| Outra |

Em relação ao COVID-19, como ocorreu a conscientização da população? Houve auxílio de redes sociais como Facebook, Instagram, Whatsapp, etc.?

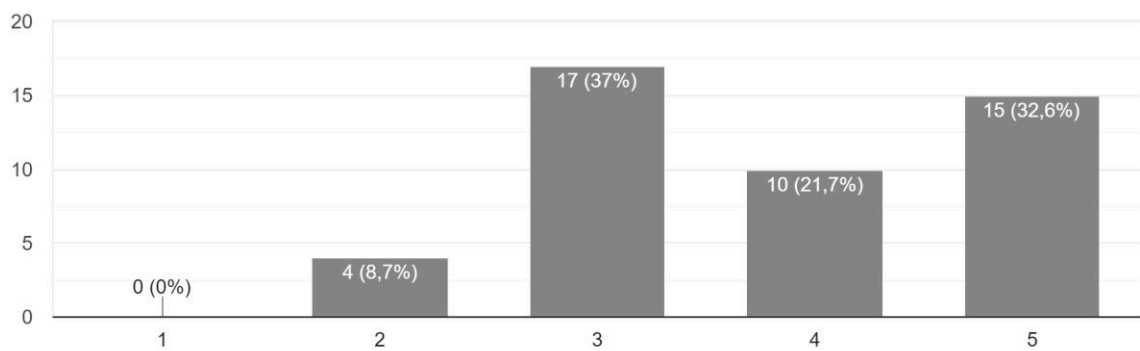
46 respostas

| |
|--|
| Sim |
| Sim |
| Facebook |
| sim,presencial e com as redes sociais |
| sim,mas tambem contamos muito cm a ajuda do gilson e sua equipe.. |
| Instragam |
| O trabalho foi muito eficaz , fizeram campanha nas redes sociais e mídias rádio/televisão e reuniões de treinamento para os presidentes de rua |
| Facebook |
| WhatsApp e Facebook ajudaram muito na divulgação |
| Por todo lugar possível |
| Sim, em geral |
| Sim, houve conscietacao de todas as formas |
| Luta |
| WhatsApp |
| Mídia |
| Através das redes sociais, whatsapp sempre orientando as famílias ficar em casa,se precisa sair usar máscaras,sempre usar álcool em gel. |
| Não |
| Redes sociais |

| |
|---|
| Sim por redes sociais e pela ajuda de vcs |
| Sim Facebook, Whatsapp etc. |
| Sim houve. |
| Sim houve |
| sim |
| Facebook, Instagram e Whatsapp |
| Zapi |
| Sim teve |
| Outro |

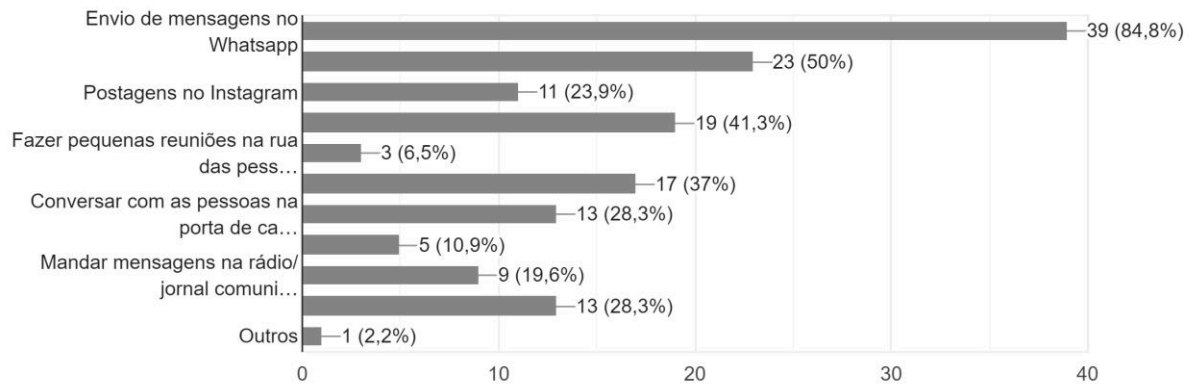
De 0 a 5, houve um aumento da aderência da população ao isolamento por conta dessa conscientização feita em Paraisópolis através destes instrumentos de comunicação?

46 respostas



Em sua perspectiva, quais os meios de comunicação que mais auxiliam/auxiliaram na autogestão e no trabalho dos Presidentes de Rua?

46 respostas



Há pessoas específicas para realizar essa comunicação com a população? Caso a resposta seja sim, quem?

46 respostas

- Sim
- Não
- Nao
- Gislene
- Eu Marcela
- Sim pessoas deficientes
- agentes de saude
- Eu
- Gilson Rodrigues

Há pessoas específicas para realizar essa comunicação com a população? Caso a resposta seja sim, quem?

46 respostas

| |
|--|
| União dos moradores |
| Sim o gilson |
| Os presidentes de rua |
| Pessoal da cede |
| Não é preciso |
| Presidente de rua |
| Sim Gilson Rodrigues |
| Sim, o pessoa da associação |
| Gilson |
| Não |
| Sim,Gilson Rodrigues e toda equipe,pessoas excelentes, competentes e super dedicados ao próximo. |
| Sim , Gilson |
| Divulgação |
| Não sei |
| Gilson Rodrigues através do face book |
| Comunicação pra mim está boa só a população q ãi entende as vezes |
| Sim Gilson |
| Sim. Os presidentes de rua e toda equipe. |

| |
|---------------------------------------|
| Presidente da associação de moradores |
| A vice presidente |
| nao |
| Sim. reuniões no CDI |
| Sim equipe do Gilson Rodrigues |
| Gilson Rodrigues |
| Sim Gilson |
| Sim os presidentes de rua |
| Pessoal da união dos moradores |

Essa pesquisa estará disponível até a data 16/11/2020. Após esta data, você teria interesse em participar de uma entrevista mais profunda sobre estes assuntos vistos no questionário?

46 respostas

